



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

10,0
DM

**A Pirâmide-Montanha: relação entre arquitetura e religião nas
sociedades tradicionais - Suméria e Maia**

Milena Larissa Varella de Azevedo

Natal
1999

"Urbanismo determinado pelo céu.
Templos para implorar o ouro do milho
e os jades e as esmeraldas da chuva.
Colunas, terraços, plataformas, escadarias...
Enormes escadarias até o céu,
exatamente até ao sol no zênite.
E no centro de tudo
a Pirâmide de Quetzalcóatl.
Nela os rostos sorridentes
de Quetzalcóatl.
Pela primeira vez em Teotihuacán, a primeira Tolan,
o sorriso de Quetzalcóatl.
A pirâmide era uma montanha sagrada.
Uma réplica da pirâmide do céu
onde o sol nasce e morre.
O templo de Quetzalcóatl
no centro de Teotihuacán
que era o centro da América Central que era o centro do mundo..."

(Trecho do poema *Quetzalcóatl*, de Ernesto Cardenal)

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio e carinho.

Ao professor Roberto Airon Silva, nosso orientador, por ter acreditado em nosso trabalho e ter ajudado a desenvolvê-lo.

Aos professores do curso de História da UFRN: Wicliffe de Andrade Costa, Francisca Aurinete Girão e Flávia de Sá Pedreira, por ter nos ajudado quando precisávamos.

À professora Lúcia Scavone (Universidade Estácio de Sá - RJ), que além do incentivo, conduziu-nos em uma fantástica viagem pelo mundo da mitologia.

Aos amigos e colegas de curso, especialmente: Alessandra Ferreira, Eliane Moreira, Maria da Paz Silva, Aldinízia Medeiros, Lúcia Mara, Leinan Rodrigues, Wanderley Costa e Marccone Silva.

Aos amigos do grupo de estudo sobre mitologia: Igara Félix, Luiz Antônio de Oliveira, Jucyara Cipriano da Silva, Marcos Ronan Tavares de Alcântara, Pedro Vieira da Costa Filho e Narjara Medeiros de Macedo, que enriqueceram nosso conhecimento sobre o tema, através de leituras e frutíferas discussões.

Àqueles que duvidaram do nosso tema de pesquisa, pois deram-nos uma motivação maior para a realização do mesmo.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	2	←
2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE MITO.....	5	
2.1 - As Sociedades arcaicas ou tradicionais	7	
2.2 - O Simbolismo do Centro do Mundo	8	
2.3 - Importância dos símbolos ascensionais	9	
2.4 - Arquitetura e religião	11	
3 - BREVE HISTÓRICO DO POVO SUMÉRIO	13	
3.1 - O Universo mitológico dos sumérios	16	
3.2 - Ur-Namu e a arquitetura: os zigurates de Ur e de Nipur	20	
4 - UMA PANORÂMICA DO MUNDO MAIA	23	
4.1- A Imponente Tikal	25	
4.2 - A Bela Palenque	27	
4.3 - O Universo mitológico dos maias	30	
4.4 - Os Complexos arquitetônicos de Tikal e Palenque	33	
5 - CONCLUSÃO	37	←
6 - BIBLIOGRAFIA	39	←
7 - ANEXOS	43	

lidade sísmica durante os eclipses do Sol e da Lua.”¹⁸ Isso reforça nosso entendimento sobre a preocupação das sociedades antigas em fazer calendários sagrados e constantes observações no céu (chegando mesmo a construir grandes observatórios, como *El Caracol*, dos maias de Chichen Itzá).

Vários pesquisadores (desde arqueólogos a pré-historiadores) confirmaram que a adoração aos deuses uranianos (celestes) é muito antiga, provavelmente data do neolítico (\cong 7.000 a.C.). Durante o mesolítico (de 11.000 a 9.000 a.C.), predominavam as divindades femininas ligadas à terra e à fertilidade (divindades telurianas), porque nesse período temos os primórdios da agricultura e a passagem do estado nômade para o semi-nômade, no qual a mulher ganha um papel de destaque. Porém, em meados do neolítico, os homens (caçadores) procuram recuperar a dignidade que perderam na sociedade, e como no neolítico temos o início da construção das cidades (consolidação do sedentarismo) e das lutas entre elas, os valores do caçador (força e coragem) voltam a ganhar importância, passando a ser necessária uma maior proteção uraniana (celeste) do que teluriana (terrestre).¹⁹ Então, a partir daí, tudo o que fizesse referência ao céu, ao alto, ao infinito era tido como poderoso e sagrado. Sobre essa relação entre altura e transcendência, Mircea Eliade nos diz que “o ‘alto’ é uma dimensão inacessível ao homem como tal; pertence por direito às forças e aos seres sobre-humanos...”²⁰

Porém, os homens precisavam chegar a esse sagrado de alguma forma, eles precisavam de algo que servisse de ponte entre o céu (sagrado) e eles (profano); aí surge a lembrança da montanha sagrada e a inevitável construção de templos com essa mesma forma. Segundo Maurilio Adriani:

“...os povos carregam consigo, das sedes flutuantes de um outro tempo, a recordação da imagem mais importante das moradas divinas, que, na maior parte dos casos, eram as montanhas, os cumes e as colinas que no seu próprio aspecto empírico de grandeza, altura e solenidade eram precisamente consideradas sagradas enquanto sublimes habitações dos Poderes supremos.

¹⁸ HOCHLEITNER, Franz J. *Chuen - o novo calendário maia*. p.38.

¹⁹ A respeito das mudanças ocorridas entre o paleolítico e o neolítico, ver: MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*, v.1, p.11-44.

²⁰ ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. p.40.

Neste sentido, o Templo é exatamente a continuação e a repetição dessa memória, e a imitação, por mão humana, da sugestiva figura natural das origens.” [O zigurate mesopotâmico seria o melhor exemplo disso, porque ele] “...conserva, na medida do possível, as características da montanha, na sua forma de torre com muitos patamares, cilíndricos-cônica, terminando em vértice na câmara ou cela do deus, despontando para o fluido etéreo do Céu imortal.”²¹

Samuel Noah Kramer, um famoso historiador da Mesopotâmia, escreveu que “os sumérios pensavam que os deuses viviam na ‘montanha do céu e da Terra, o lugar onde o sol nasce’...”²²; e dessa forma precisaram construir algo que se parecesse com essa montanha, para conseguir entrar em contato com seus deuses.

O antropólogo Gilbert Durand diz ser “...natural que esses esquemas axiomáticos da verticalização sensibilizem e valorizem positivamente todas as representações da verticalidade, da ascensão à elevação. É o que explica a grande frequência mitológica e ritual das práticas ascensionais...”²³

Mas, como a relação altura-transcendência se materializava entre os povos tradicionais ?

2.4 - Arquitetura e religião

Como Leo Oppenheim, Gordon Childe e Diakov e Kovalev, entre outros historiadores²⁴, escreveram sobre a relação entre arquitetura, economia e relações de poder (a questão do palácio x templo), pretendemos demonstrar que também havia uma relação entre arquitetura e religião, nas sociedades tradicionais.

Através de alguns relatos mitológicos, **cosmogonias** e de pesquisas arqueológicas e epigráficas²⁵, pode-se ver claramente que havia um elo entre arquitetura e religião,

²¹ ADRIANI, Maurilio. Op. cit., p.26-27.

²² KRAMER, Samuel Noah. *A História começa na Suméria*, p.117.

²³ DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*, p.127.

²⁴ Sobre o pensamento desses autores, ver as seguintes obras: CHILDE, Gordon. *O que aconteceu na História?*; DIAKOV, V. e KOVALEV, S. *História da antigüidade - a sociedade primitiva/o oriente*; OPPENHEIM, A. Leo. *Ancient Mesopotamia: portrait of a dead civilization*.

²⁵ Ver as obras de COE, KRAMER, SCHELE & MATHEWS e SCHELE & FREIDEL. ELIADE e STIERLIN expostas ao longo desse trabalho.

inclusive Henri Stierlin e Henri Lehmann fazem esse mesmo comentário, enfocando principalmente a Mesoamérica.

Segundo Samuel Noah Kramer, os sumérios especularam muito sobre a origem do universo, mas infelizmente não “formularam nenhuma lei geral” sobre os fenômenos observados, portanto se quisermos entender o pensamento desse povo, devemos recorrer às suas obras literárias: “mitos, narrativas e hinos.”

Utilizando-se da mitologia, Joseph Campbell explica como os sumérios concebiam simbolicamente o universo e tentavam se aproximar dele:

“...na visão dos antigos observadores astronômicos sumérios, o universo não era nem plano nem esférico, mas tinha a forma de uma grande montanha que se erguia em diversos níveis de um mar infinito; e para reproduzir em forma local e visível essa gloriosa montanha do mundo, marcada em seus níveis pelas órbitas das esferas circunferentes - a lua, mercúrio, vênus e o sol, marte, júpiter e saturno -, as imponentes torres-templo foram projetadas.”²⁶

Reforçando o que foi dito por Campbell, Mircea Eliade afirma que:

“segundo as crenças mesopotâmicas, uma montanha central une o céu e a Terra; trata-se da Montanha das Terras, o vínculo entre os territórios. Em outras palavras, o zigurate era uma montanha cósmica, isto é, uma imagem simbólica do Cosmo, com as sete histórias representando os sete firmamentos planetários (como em Borsippa), ou as cores do mundo (como em Ur).”²⁷

Com o conceito de mito já exposto, bem como os de simbolismo do Centro e dos símbolos ascensionais, podemos mostrar como estava a Suméria durante o terceiro milênio a. C., e como os sumérios concebiam o universo, através da sua mitologia.

²⁶ CAMPBELL, Joseph. *A imagem mítica*, p.81.

²⁷ ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno - Cosmo e História*, p.24.

3 - BREVE HISTÓRICO DO POVO SUMÉRIO

*“Ó Suméria, grande terra entre as terras do universo,
Cheia de luz constante, repartindo desde o nascer ao por
do Sol as suas divinas leis por (todo) o povo,
As tuas divinas leis são exaltadas, intocáveis,
O teu coração é profundo, insondável,
A verdade aprendida que tu comportas..., como o Céu,
é intocável.”*
(Trecho do poema sumério “Enki e a Ordem do Mundo”)

As cidades-Estado da Mesopotâmia estavam situadas entre os rios Tigre e Eufrates, na região do Oriente Próximo, sendo divididas em duas porções: a) porção norte, chamada *Alta Mesopotâmia*, onde nos períodos das cheias dos rios a população não sofria grandes perdas; e b) porção sul, chamada *Baixa Mesopotâmia*, onde o solo de aluvião²⁸ preocupava e perturbava a população quando dos períodos de cheias dos rios (boa parte da Baixa Mesopotâmia ficava submersa ou então formavam-se zonas pantanosas). Mas, em compensação, durante o período de estiagem quase não se via água na região. Como a Mesopotâmia era uma área bastante aberta, cercada por montanhas e desertos, vários grupos humanos foram aos poucos ocupando aquele espaço, o que proporcionou um caráter heterogêneo àquela região.

Dos inúmeros povos que habitaram a Mesopotâmia, resolvemos estudar os sumérios porque eles formaram a primeira grande civilização da história da humanidade. A respeito do corte cronológico, delimitamos o terceiro milênio antes de Cristo (3000 - 2000 a.C.) para o estudo da Suméria, porque durante esse período floresceram importantes cidades-Estado (e as lutas entre algumas delas também²⁹), como por exemplo: Ur, Lagaš, Uma, Mari, Adab, Zabalam, e Ak-šak (lembrando que Eridu, Uruk, Bad-tibira, Šurupak, Nipur e Kiš já faziam parte da Suméria desde o final do 5º e

²⁸ Solo de aluvião é aquele formado pela deposição de sedimentos diversos transportados pelos rios: é um dos tipos de várzea.

²⁹ Podemos destacar as famosas lutas entre Lagaš e Uma.

meados do 4º milênio a.C.).³⁰ A importância do 3º milênio a.C. também se dá pela construção e restauração dos grandes zigurates sumérios (destacando o zigurate de Ur) pelo governante Ur-Namu.

Para esse breve histórico da Suméria, utilizamos a *Lista dos Reis Sumérios* que, segundo Michael Roaf, é o documento mais importante para se conhecer os tempos iniciais da história da Mesopotâmia. Nessa “Lista” encontram-se os nomes e a duração dos reinados de todos os governantes das principais cidades sumérias, desde quando o “dom da Realeza” estabeleceu-se em Eridu.

A Suméria ficava na porção da Baixa Mesopotâmia, próximo ao Golfo Pérsico, onde hoje se encontra o Iraque. No início, a Suméria era constituída por cidades-Estado independentes ou tributárias de outras, mas sempre havia uma cidade principal, que assim o era devido ao aumento de importância do deus que a apadrinhava ou por causa das grandes conquistas do seu governante perante as outras cidades.

As cidades-Estado da Suméria viviam no sistema de “comunidade de vizinhança”, sendo cada uma governada por um chefe chamado *Patesi* ou *Ensi*³¹ (“senhor”, mas no sentido religioso) que era auxiliado por duas Assembléias (a dos Anciãos e a dos Jovens que podiam lutar; a Câmara Alta e a Câmara Baixa respectivamente). Os *Patesi* perceberam que o mais importante era administrar primeiro a água e só depois a terra; daí eles iniciaram as obras de engenharia hidráulica que tanto favoreceram as terras da Baixa Mesopotâmia, como os diques, as barragens e os canais de irrigação. De acordo com os historiadores russos Diakov e Kovalev: “os excedentes de água eram conduzidos dos locais submersos para reservatórios ou tanques e no tempo seco a água desses reservatórios e dos próprios rios chegava aos campos através de canais. Para as preservar da inundação, as terras baixas eram cercadas de diques.”³²

Cada cidade-Estado sumeriana, no início, era administrada por uma unidade político-religiosa, concebida através da união entre o Templo e o Palácio. Mas, por volta do século XXVI a.C. (2600-2501a.C.), ocorreu a separação entre o Templo e o Palácio

³⁰ Tem-se que notar que nesse mesmo período outra importante civilização mesopotâmica também estava prosperando, a Acádia.

³¹ O *Patesi* exercia a função de sumo-sacerdote, comandava e geria a milícia e a economia do templo, bem como os trabalhos de irrigação e construção de obras públicas. Para esse cargo eram eleitos membros de famílias ilustres.

³² DIAKOV, V. e KOVALEV, S. *História da antiguidade*, p.121-122.

(a cidade de Kiš^v deteve o poder temporal, enquanto que Nipur deteve o religioso). Nipur era a sede do Templo de En-lil, que durante o 3º milênio antes de Cristo substituiu o deus An à cabeça do panteão. Essa separação entre Templo e Palácio fez com que o Patesi fosse chamado definitivamente de Lugal (“grande homem”).³³ O poder do Lugal era equivalente ao do sacerdote, mas cada um tinha sua função, se bem que o Lugal era considerado o representante terreno das divindades (a tríade celeste) na Terra³⁴; ele não era tido nem como o próprio deus, nem como o filho do deus, como os faraós egípcios o foram.

No ano de 2375 a.C. houve uma tentativa de unificação entre todas as cidades-Estado da Suméria, quem a coordenou foi Lugal-zagisi (ou Lugal-zagesi). O problema dessa unificação é que ela foi concretizada à força; não havia um consenso entre os habitantes de cada cidade, e Lugal-zagisi passou a ter cada vez menos prestígio. Aproveitando-se desse clima conturbado, o então rei da Acádia, Sargão I, entrou com seus soldados no território sumeriano e conquistou as cidades de Kiš^v, Ur, Lagaš^v e Uma. O próprio Sargão tentou fazer outra unificação (provavelmente no ano de 2369 a.C.), instituindo uma “monarquia unitária, mas descentralizada”, autodenominando-se “Rei das Quatro-Regiões” (referindo-se aos pontos cardeais), e tentando fazer-se divinizar. Sargão I ainda permanecia como o governante supremo da Acádia, mas os antigos governantes das cidades sumérias ganharam o título de “funcionários do império”.

Em 2150 a.C. um povo chamado Guti invadiu a Mesopotâmia, nesse período a Mesopotâmia voltou a ser formada por cidades independentes. Somente em 2123 a.C., com Utu-Hegal, rei de Uruk, é que os Guti vão ser expulsos. Após essa expulsão, a única cidade suméria que conseguiu se reerguer muito rápido foi Lagaš^v, sob o comando do rei Gudéia (ou Gudea).

Com o rei Ur-Namu, em 2112 a.C., tem início a III Dinastia de Ur.³⁵ Ur-Namu também promoveu uma unificação entre as cidades sumérias (dominou Ur, Eridu e Uruk, e edificou construções em Nipur, Kiš^v, Adab e Uma), aproveitando-se da fragilidade das cidades que ainda estavam se reerguendo do domínio dos Guti. Ur-Namu foi responsável

³³ Após a separação entre Templo e Palácio, o termo ensi só foi usado para designar o rei de cidades modestas.

³⁴ Segundo Ciro Flamarion, eram os deuses os verdadeiros donos das cidades onde havia o centro principal do seu culto, e os reis sempre estavam em uma posição de servidão diante desses deuses.

³⁵ Conforme Amar Hamdani, a III Dinastia de Ur foi “a última constituída de príncipes sumérios, que abre verdadeiramente a idade de ouro da Suméria.”

pela construção do famoso zigurate de Ur, e talvez tenha sido o articulador do primeiro código que fixava as normas das relações humanas.

Quem sucedeu Ur-Namu foi Sulgi, que reinou durante 47 anos e promoveu uma importante reorganização em Ur, além de ter iniciado a expansão do seu império (conseguiu criar uma administração unificada entre a Suméria e a Acádia). Sulgi ainda reorganizou o sistema de pesos e medidas, introduziu um novo calendário (aplicado em Ur) e criou dois tipos de impostos: *bala* e *gun mada*.³⁶

O último rei da III Dinastia de Ur, Ibi-Sin, não conseguiu conter o ataque dos amoritas, que acabaram com ela provavelmente no ano de 2003 a.C.; com isso tem-se o fim de dois grandes impérios mesopotâmicos: Suméria e Acádia.

3.1 - O Universo mitológico sumério

De acordo com o comentário de Samuel Noah Kramer, exposto no capítulo anterior, os sumérios se preocuparam muito com os céus, mas não deixaram tratados “científicos” sobre o que observaram, e para se conhecer um pouco do seu pensamento e imaginário, tem-se que procurar algo nas suas narrativas literárias, ou seja, na sua mitologia. Com base nisso, procuramos encontrar narrativas mitológicas sumérias que nos mostrassem o pensamento desse povo sobre a criação do universo e da vida em geral.

As cosmogonias sumérias nos mostram que eles acreditavam que o universo era composto pela união do casal céu-Terra, que eles chamavam de “*An-Ki*”.

“A Terra, segundo pensavam, era um disco chato; o céu, um espaço vazio, fechado na parte superior e na inferior por uma superfície sólida com a forma duma abóbada (...), e entre o céu e a Terra afirmavam existir uma substância a que chamavam de lil, palavra cujo significado aproximado é ‘vento’ (ar, sopro, espírito), e cujas características especiais seriam, parece, o movimento e a expansão, o que, portanto, se coaduna grosseiramente com a nossa noção de ‘atmosfera’ (...); rodeando o ‘céu-Terra’ por todos os la-

³⁶ *Bala* era o imposto pago pelas províncias do centro de Ur, enquanto que o *gun mada* era um imposto pago em espécie pelos chefes militares da periferia.

*dos, tanto por cima como por baixo, existia o oceano infinito, no seio do qual, de algum modo, o universo se mantinha fixo e imóvel.*³⁷

Porém, antes do casal céu-Terra ser formado, havia apenas um grande oceano, chamado Namu. Namu, a Mãe-oceano, autofecundou-se e deu origem a An e Ki, *“dando à luz uma montanha cósmica cuja base, pairando sobre o abismo das águas, era o fundo da terra, enquanto o seu topo era o zênite do céu.”*³⁸ An e Ki se apaixonaram e permaneceram abraçados durante bastante tempo, e desse amoroso abraço surgiu En-lil (o ar, o vento). En-lil crescia e queria se expandir, dessa forma ele separou An e Ki. Foi um processo doloroso para o casal eternamente apaixonado, mas Namu declarou o destino de ambos:

*“An, filho adorado, de agora em diante, habitarás os Céus, de onde protegerás as Esferas das Alturas! Que esta Esfera tenha, dentre muitos outros, o nome de Mundo Superior, onde as luzes do Espírito, a Realidade do Intangível irá se encontrar. Conhecimento, Inspiração, Visões e Imaginação serão os dons deste Mundo, sob tua guarda, filho adorado, para com todos compartilhar. Ki, filha mais amada, doravante habitarás a minha superfície, pois preciso sentir a tua presença, o teu abraço e doce palpitar. Que a tua esfera, filha predileta, seja chamada de Mundo Físico, o plano da Forma e Substância, realidade mundana e lar concreto de tudo o que viver, respirar e crescer.”*³⁹

Após se consolidar a separação entre o céu e a Terra, Namu criou um terceiro espaço, chamado Mundo Subterrâneo:

“É para dar sustentação, brilho e equilíbrio a tudo o que estiver nas Esferas das Alturas e no Mundo Físico, que seja criado um outro mundo! Chamarei a esta nova esfera de Mundo Subterrâneo,

³⁷ KRAMER, Samuel Noah. Op. cit., p.106.

³⁸ Trecho retirado do mito sumeriano “A Criação do Homem”. (Internet)

³⁹ Trecho retirado do mito sumeriano “Antes de todos os antes - como a Terra se apaixonou pelo Céu”. (Internet)

as Grandes Profundezas, fonte de memória do que foi , é e será, mundo da Essência, reino que dará Substância à Forma e ao Firmamento, indo além do mais profundo dos meus mares, e ao mesmo tempo se encontrar em todos os lugares. ⁴⁰

Ki e An, mesmo separados, fazem promessas de eterno amor e proteção um ao outro, podemos citar como exemplo a fala de Ki : *“e pela União Original que uma vez fomos, seja por todos sabido o que agora com toda força do meu ser declaro: tudo o que está na Terra estará para sempre ligado ao que existir no mais alto dos Céus para revelar os mistérios do casal que foi um e se separou para formar dois mundos!”*⁴¹

En-lil arrependeu-se do que fez, pois estava sentindo muita saudade do pai e da mãe, tentou aproximar-se de An, mas ele estava muito longe, então ele foi para perto da sua mãe (Ki) e prometeu construir junto com ela o Mundo Físico.

An estava muito solitário, chorava e suas lágrimas caíam na grande Mãe-oceano, Namu. An resolve se aproximar de Namu e eles se envolvem num longo abraço e concebem um casal de gêmeos, En-ki e Ereš-kigal. Namu declarou aos seus filhos: *“que a sabedoria das Profundezas e a Visão das Alturas pertençam a vocês!”*.⁴²

Feito isso, vários outros deuses foram criados, e eram eles os responsáveis pelo cultivo e colheita dos cereais. Porém, houve um momento em que as colheitas falharam devido à negligência dos deuses. Com isso, a Mãe-oceano, Namu, vai ao encontro do seu filho En-ki, o mais inteligente entre todos os deuses, e ordena-lhe que crie *“servos para assumir a tarefa dos deuses.”* En-ki pede a sua mãe que lhe traga um *“punhado de barro do fundo da terra”*, que seus artesãos iriam dar-lhe *“a consistência adequada”*. Namu trouxe o barro, os artesãos modelaram-no com a forma humana, e Namu modelou o coração e os membros. A esposa de En-ki, Nin-hur-sag, ficou encarregada de gerar esse primeiro homem, contando com a ajuda de oito deusas do parto. En-ki determinou o seu destino, servir os deuses. Tudo saiu perfeito, e uma grande festa foi feita para comemorar o acontecimento.

Todos os deuses haviam ficado muito impressionados e outros homens foram criados e gerados pela deusa Nin-hur-sag. Todos esses homens ficavam à disposição dos

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

⁴² Idem.

deuses em suas fazendas, realizando as tarefas do cotidiano. Os humanos obedeciam aos deuses e aos *me*, que eram “os princípios e regras criados pelos deuses para fazer funcionar harmoniosa e eficientemente o cosmos.”⁴³

O mito sumeriano sobre a criação do homem nos conta ainda um fato curioso, pois En-ki não criou somente seres humanos perfeitos. Após muito beber En-ki pediu a Nin-hur-sag para gerar seis criaturas defeituosas e deu-lhes destinos específicos, mas ele gostou da brincadeira e resolveu trocar os papéis com sua esposa: ele iria criar e ela, indicar um destino. En-ki criou seres tão horripilantes que Nin-hur-sag ficou constrangida e o banuiu para o exílio no abismo. Isso explicava porque na sociedade havia pessoas loucas, cegas e doentes.

Apesar desse gesto impensado do deus En-ki, ele foi o responsável pela organização do mundo e, segundo o seu mito, foi ele que encheu de água o rio Tigre (para aumentar a fertilidade das cidades sumérias) e “plantou [a árvore das medidas sagradas] em Eridu.”⁴⁴

Os sumérios acreditavam que os criadores do universo eram deuses antropomórficos (“dingir”), que também passaram a controlar e organizar o cosmos, seguindo planos e leis bem articulados. Cada reino tinha um deus como governante, e eram quatro esses reinos: céu, Terra, mar e ar. Samuel Noah Kramer diz que “o panteão sumério era concebido, portanto, como se fora uma assembléia que funcionasse com um rei a presidi-la, sendo os seus mais importantes grupos o dos sete deuses que ‘decretavam os destinos’ e o dos cinquenta conhecidos pelos ‘grandes deuses’.”⁴⁵

Entre o panteão dos deuses sumérios havia a tríade planetária formada pelas divindades:

NANA-SUEN (Lua)

UTU (Sol)

INANA (Planeta Vênus)

⁴³ Os estudiosos das civilizações mesopotâmicas ainda não conseguiram chegar a um consenso sobre o conceito dos *me*, mas aqui nós utilizamos o conceito dado por Samuel Noah Kramer.

⁴⁴ Trecho retirado do mito sumeriano “Enki e a organização do mundo” (Internet).

⁴⁵ KRAMER, Samuel Noah. Op. cit., p. 108.

1 - INTRODUÇÃO

A busca de uma sólida aproximação com o sagrado, com o divino, ainda hoje é almejada pelos seres humanos, porém para os povos das chamadas “sociedades tradicionais”, essa busca era vital. Nessas sociedades, o homem não se via como um ser isolado, mas como um ser relacionado aos seus semelhantes e à natureza, e a obtenção dessa harmonia era de extrema importância para eles, o que só poderia ser feito através da adoração aos deuses (responsáveis pela criação do mundo e da vida). Como os deuses serviam de modelo (arquétipo) para os atos humanos, havia a necessidade de um constante contato entre eles (seres humanos) e os deuses, em outras palavras, entre o profano e o sagrado.

O próprio filósofo Ernst Cassirer nos lembra que, nas primeiras sociedades, a questão da origem do mundo estava sempre relacionada à origem do homem, o que reforça a existência de um forte elo entre homem-natureza-deuses criadores. Com base nisso, para se compreender verdadeiramente uma sociedade tradicional, tem-se que estudá-la na sua totalidade, observando suas tradições, práticas cotidianas, sistema de leis e economia. Torna-se necessário entender também seus símbolos, mitos e ritos, pois essas sociedades eram fortemente influenciadas pela religião (qualquer alteração na religião interferia diretamente na política, na hierarquia social, na vida em geral); mas, assim como Ciro Flamarion Cardoso, entendemos que *“o homo symbolicus é um reducionismo tão pobre e nefasto quanto o homo oeconomicos...”*.¹

Essa busca pelo sagrado interferia em todos os campos sociais e culturais, um deles era o das construções arquitetônicas. Os povos das sociedades tradicionais construíam suas cidades, seus templos e palácios tomando como base as coordenadas celestes, pensando assim estar imitando a morada dos deuses.

Para a nossa pesquisa, isolamos dois povos que exemplificam o que foi escrito acima, sumérios e maias.

¹ CARDOSO, Ciro Flamarion. *Deuses, mímias e ziggurats*, p.18.

Porém, os deuses mais importantes para os sumérios eram os que formavam a triade celeste:

AN (deus do céu)

EN-LIL (senhor do vento e do destino)

EN-KI (senhor da água e da sabedoria)⁴⁶

O deus An foi considerado o mais importante entre todos os deuses até aproximadamente o ano de 2500 a.C., após a separação entre Templo e Palácio, e então o deus En-lil recebeu o título de “chefe dos deuses”. No início En-lil era apenas um intermediário entre o seu pai (An) e os seres humanos, e também foi conhecido em toda a Suméria como a divindade que deu aos reis terrestres o poder para governar seus súditos.⁴⁷ Através de seus feitos ele ganhou prestígio e acabou conquistando, no panteão, o posto que pertencia ao seu pai.

En-lil foi o responsável pela separação entre o céu e a Terra (que eram os seus pais An e Ki), mas como vimos ele sentiu-se muito só e tentou se aproximar de An, não tendo sucesso, e depois de Ki. Como En-lil se encontrava entre o céu e a Terra, ele servia de intermediário entre seus pais e entre eles e os homens, mas a antiga montanha cósmica fora rompida e era necessário criar algo que pudesse servir de ponte concreta entre os deuses e os seres humanos. Com isso os zigurates foram construídos e passaram a ser associados, de acordo com Ciro Flamarion, “às múltiplas visões míticas mesopotâmicas acerca das montanhas.”⁴⁸ Já para Joseph Campbell, “era função das torres-templos da Mesopotâmia reconciliar essa ruptura [entre An e Ki] e em ocasiões de festival unir o par separado para a restauração da fertilidade.”⁴⁹

3.2 - Ur-Namu e a arquitetura: os zigurates de Ur e de Nipur

Os templos dos deuses sempre foram muito venerados por todos os povos mesopotâmicos, principalmente aqueles que serviam como a morada dos deuses das tria-

⁴⁶ Segundo Mircea Eliade. En-ki era o “Senhor da Terra”, e não o “deus das Águas” como costumam chamá-lo, pois ele lembra que para os sumerianos a Terra estava assentada sobre o Oceano.

⁴⁷ Na “Epopéia de Gilgamesh” tem-se essa afirmação na passagem onde, em sonho, o rei Gilgamesh fica sabendo que En-lil destinou a ele apenas a realeza, não a vida eterna.

⁴⁸ CARDOSO, Ciro Flamarion. Op. cit., p.93.

⁴⁹ CAMPBELL, Joseph. *A imagem...* Op. cit., p.85.

des celeste e planetária. Todo rei que tentou promover uma unificação entre as cidades sumérias ou entre a Suméria e a Acádia procurou dispensar uma atenção especial aos templos, fosse construindo ou restaurando-os.

O rei Ur-Namu, o fundador da III Dinastia de Ur, ordenou a construção e a restauração de vários edifícios e zigurates durante o seu reinado (2112-2095 a.C.). Entre essas construções, tomamos como exemplo os zigurates de Ur (templo do deus da lua Nana-Suen) e de Nipur (templo do deus En-lil), porque além desses dois zigurates apresentarem uma composição semelhante (ambos foram compostos em três níveis, sendo o templo localizado no último nível), eles ganharam um certo destaque durante o 3º milênio antes de Cristo (Nana-Suen era o responsável pela fertilidade do solo e precisava ser venerado constantemente para não castigar os sumérios, enquanto que En-lil conseguiu se tornar o deus supremo sumeriano durante esse período).

Gibson McGuire, Professor de Arqueologia Mesopotâmica do *Oriental Institute* da Universidade de Chicago, assumiu em 1972 a direção das escavações em Nipur e até meados da década de 1990 continuava trabalhando nessa região. Em um dos seus artigos⁵⁰, ele relata que Nipur sempre fora uma cidade sagrada, nunca um centro político, e um dos seus momentos de apogeu ocorreu durante o 3º milênio a.C., principalmente na III Dinastia de Ur. Para McGuire, os reis de cidades como Kiš e Ur, no momento de ascensão ao trono, sempre iam ao Templo de En-lil, em Nipur, para obter a legitimação do seu poder temporal. Ao final das lutas e guerras, os reis costumavam levar oferendas para En-lil, e todos os reis do 3º milênio a.C. dispensavam um cuidado muito especial a Nipur, tanto restauravam seus templos e fortificavam suas muralhas, como construíam novos prédios públicos e canais de irrigação.

Isso demonstra a força que tinha a tradição religiosa da Mesopotâmia, porque mesmo após a separação entre Templo e Palácio, os reis das outras cidades-Estado precisavam da “bênção” do deus supremo, que naquele período era En-lil, para conseguir governar com paz e harmonia.

O Professor McGuire ainda comenta que em 1948 as escavações em Nipur foram retomadas (elas haviam sido iniciadas em 1889) pela iniciativa da Universidade de Chicago em formar uma expedição conjunta com a Universidade da Pensilvânia. Como o

⁵⁰ McGUIRE, Gibson. *Nippur - sacred city of Enlil: supreme god of Sumer and Akkad.* (Internet)

trabalho ficou estagnado por quase 50 anos (1900-1948), uma onda de dunas inundou a cidade de Nipur (provavelmente na década de 1920), e se tornou necessário fazer alguma coisa para tirar Nipur daquele estado, pois ela também fora um centro comercial (por causa dos peregrinos que freqüentavam o templo de En-lil), e milhares de artefatos e tabuinhas de argila ainda se escondiam sob toda aquela areia (inclusive foi comprovado que mais de 80% de toda a literatura suméria foi encontrada em Nipur).

Por causa dessas dunas, hoje o templo de En-lil se encontra em um estado muito precário (ver anexo 4), daí não podemos analisá-lo como gostaríamos. Em contrapartida, o templo de Ur (ver anexos 3 e 4) é o templo mesopotâmico que se encontra em melhor estado de conservação atualmente. Infelizmente, apesar desse ótimo estado de conservação, não encontramos material suficiente para analisá-lo de uma forma mais complexa.

Isso posto, faremos agora uma panorâmica do mundo maia, enfocando tanto as reviravoltas de alianças e guerras entre as cidades, como as belas obras arquitetônicas erigidas e restauradas durante o Período Clássico, mostrando como os maias pensavam seu universo e qual o papel que a arquitetura desempenhava na relação do povo com seus deuses e governantes.

4 - UMA PANORÂMICA DO MUNDO MAIA

*"Serpente-pássaro = matéria alada.
União da terra com o céu.
Terra que sobe e céu que desce.
(Unidos no cimo da pirâmide)."*

(Trecho do poema *Quetzalcóatl*, de Ernesto Cardenal)

O território onde a civilização maia se desenvolveu pode ser dividido em três regiões (Norte, Central e Sul) ou em duas partes (Terras Altas e Terras Baixas). A região Sul corresponde às Terras Altas, estendendo-se de Chiapas até El Salvador, sendo a mais fértil de todas as regiões. Já as regiões Norte e Central correspondem às Terras Baixas, que por sua vez dividem-se em Terras Baixas do Norte e Terras Baixas do Sul, respectivamente. As Terras Baixas do Norte ocupam quase toda a Península do Yucatán, onde predomina o solo calcário e por onde não passa nenhum curso d'água.⁵¹ Já as Terras Baixas do Sul vão de Tabasco (México) até Belize e Honduras, passando pelo Petén (Guatemala), região cercada por uma floresta tropical mais ou menos densa e muito úmida. Os principais rios que banhavam as Terras Altas e as Terras Baixas do Sul eram: Usumacinta, Grijalva e Motagua.

Foi no período Pré-Clássico, entre 1200 a 400 a.C., que um povo chamado Olmeca chegou à Mesoamérica e lá desenvolveu os princípios básicos da vida civilizada, que serviram de modelo à maioria dos povos que habitaram essa região, especialmente aos maias.

Quando os primeiros ancestrais dos maias chegaram à área costeira do Golfo do México, logo foram atraídos pelas férteis localidades das Terras Altas, mas, segundo Paul Gendrop, entre 150 e 300 d.C. houve grandes movimentos migratórios em direção às

⁵¹ Por causa disso, os maias das Terras Baixas, principalmente do Norte, utilizavam as depressões naturais (ou então as forjavam), chamadas *cenotes*, para acumular água.

Terras Baixas, onde a erupção do vulcão Ilopango (em El Salvador) intensificou-os. Por isso, durante o período Clássico (200-900 d.C.) os maias se concentraram nas Terras Baixas do Sul e, dessa forma, foi nesse período que a maioria das cidades-Estado da região Central floresceu e obteve seu momento de apogeu.⁵²

A exemplo da Suméria, os maias dividiram politicamente seu território em cidades-Estado autônomas, cada qual com seu governante e corpo sacerdotal, que eram subdivididas em províncias ou distritos chamados *Tzuk*. As cidades-Estado maias podiam acumular duas funções: centro religioso e centro comercial. Para os maias a religião influenciava fortemente o comércio, tanto que Linda Schele e Peter Mathews afirmam que no calendário maia havia datas específicas para a realização das transações comerciais. Esses intercâmbios comerciais podiam ter importância local ou regional, envolvendo não só a religião, mas também significativas celebrações dinásticas, transformando-se em grandes festivais, onde nobres de cidades aliadas tinham oportunidade de visitar uns aos outros para negociar arranjos políticos e planos econômicos. Henri Stierlin lembra que os maias construíram vastas passagens/estradas com pedra calcária entre uma cidade e outra, chamadas *Sacbeob*, “estradas brancas”. Essas estradas estendiam-se por vários quilômetros e podiam servir para abrigar tanto uma cerimônia religiosa quanto uma procissão real.

Quem estava à frente do governo de cada cidade-Estado era o *ahau* ou *halach uinic*, um misto de rei e sacerdote. A sua figura era muito importante, pois a prosperidade e a harmonia da sociedade maia dependiam de sua performance nos rituais, principalmente aqueles que diziam respeito à materialização dos deuses e seres do “Outromundo”.⁵³ Ainda que o *ahau* possuísse poderes materiais e divinos, ele precisava da ajuda dos sacerdotes para alguns rituais especiais. Quanto à classe sacerdotal, ela era hereditária, e os sacerdotes se dividiam em categorias de acordo com suas habilidades: *ahkin* (“os do sol”, eram os encarregados dos sacrifícios), *chilam* (“adivinho”, eram os que entravam em transe e conseguiam interpretar os calendários divinos), *nacom* (eram os encarregados de arrancar o coração das vítimas sacrificadas sobre a pedra do altar).⁵⁴

⁵² Schele e Mathews informam que no período Clássico (especialmente no século VIII) havia por volta de 60 cidades-Estado na altura das Terras Baixas. No século V as cidades maias passaram a se organizar em grandes alianças, que posteriormente foram lideradas por Tikal e Kalak'mul.

⁵³ Traduzido do inglês “Otherworld”, termo usado pelos pesquisadores Schele e Freidel.

⁵⁴ Sobre essa especialização dos sacerdotes, ver: ANNEQUIN, Guy. *A civilização dos maias*; ARNOLD, Paul. *O livro dos mortos dos maias*; LEHMANN, Henri. *As civilizações pré-colombianas*, p.57.

Somente penetrando nas florestas sagradas das Terras Baixas do Sul, pode-se entender um pouco mais sobre a importância que os maias davam à religião e às suas magníficas pirâmides escalonadas. Tikal e Palenque foram aqui tomadas como referência.

4.1 - A Imponente Tikal

Tikal é uma cidade bastante antiga. Segundo as prospecções arqueológicas ela deve ter sido construída antes do ano 900 a.C., pelo rei Yax-Moch-Xok ou Yax-Ch'akte-Xok. Ela está bem no meio da imensa floresta que cobre o Petén, e o primeiro nome dado a Tikal foi Mutul, que em yucateco significa "nó no cabelo".

Infelizmente as antigas estelas devem ter sido destruídas ou pela ação do tempo ou nas lutas ocorridas entre os séculos VI, VII e VIII d.C., por isso historicamente Tikal é datada a partir de 292 d.C., data essa obtida na Estela 29, que era um monumento comemorativo ao governante apelidado de "Jaguar-Folheado".⁵⁵

Durante quase todo o período Clássico, Tikal sofreu grande influência da cidade mexicana de Teotihuacán, mas após o incêndio da mesma (em meados do século VI), Tikal passou por um momento de crise, envolvendo-se em lutas contra outras cidades, quando no final do século VII conseguiu chegar ao apogeu e pôde desenvolver todos os costumes tradicionalmente maias.

De acordo com a Estela 31, o sucessor de Jaguar-Folheado foi Toh-Chak-Ich'ak (Grande Garra do Jaguar), sendo o governante que mais influência teve na história de Tikal.

Toh-Chak-Ich'ak governou Tikal por 6 anos, e provavelmente já era um ancião quando explodiu uma grande guerra entre Tikal e Waxaktun (ou Uaxactún). Essa guerra deve ter durado alguns anos e as inscrições das duas cidades falam da vitória de Tikal em 378 d.C., sendo essa mesma data a da morte de Toh-Chak-Ich'ak. Os seus sucessores foram K'ak-Sih e Yax-Ain I (Focinho Curvado).

⁵⁵ Através de várias pesquisas em algumas cidades maias, Tatiana Proskouriakoff concluiu que as estelas que estavam ao redor dos templos e dos palácios eram monumentos comemorativos erguidos para documentar toda a vida dos mais importantes governantes maias, e a partir daí as datas presentes nas estelas ajudaram a comprovar as datas obtidas pelas pesquisas arqueológicas nessas cidades.

Toh-Chak-Ich'ak, Yax-Ain I e Sian-Kan-K'awil (filho de Yax-Ain I e conhecido como Céu Tempestuoso), através de alianças e conquistas, expandiram as fronteiras de Tikal, dominando todo o Petén central. Por causa disso Tikal colecionou inimigos, um deles foi Kalak'mul (ou Calakmul), antiga Kan, uma cidade localizada ao norte de Tikal, no atual Estado do Campeche, que rivalizou com Tikal durante todo o período Clássico.

Linda Schele e Peter Mathews dizem que:

*“como consequência da competição por territórios, recursos e tributos, houve uma série de lutas entre as alianças lideradas por Tikal e Kalak'mul, que tiveram início no século VI. (...) Por volta de 700 d.C. essas lutas resultaram em múltiplos saques de grandes cidades como Palenque e Tikal. Uma das maiores consequências dessas lutas foi uma série de migrações, provavelmente de homens da nobreza e soldados deslocados pelas lutas ou que queriam fazer fortuna por eles próprios em outro lugar...”*⁵⁶

Em 553, o governante de Tikal, Pássaro Duplo, resolveu nomear um novo governador para Caracol (cidade localizada no noroeste do atual território de Belize), que era uma cidade aliada. Porém, nesse mesmo ano ascendeu ao trono de Caracol um governante chamado Senhor da Água. Querendo demonstrar superioridade, Senhor da Água atacou Tikal duas vezes, em 556 e 562, sendo que na segunda investida ele conseguiu matar Pássaro Duplo, o que levou Tikal a se submeter durante a segunda metade do séc. VI a Caracol.⁵⁷

O neto do Senhor da Água, Senhor Kan II, fez um acordo com Kalak'mul, e durante o séc. VII empreendeu várias campanhas contra a cidade de Naranjo, e obrigou Tikal a subordinar-se, pagando tributos a Caracol.

⁵⁶ “One result of the competition for territory, resources and tribute was a cataclysmic series of wars between the competing alliances led by Tikal and Kalak'mul that began in the sixth century. (...) By A.D. 700, these wars had resulted in the multiple sackings of major cities like Palenque and Tikal. One of the major effects of these wars was a series of migrations, probably consisting in large part of male nobles and soldiers displaced by the wars or seeking their fortunes elsewhere...”. In: SCHELE, Linda e MATHEWS, Peter. *The code of kings*, p.20.

⁵⁷ Tatiana Proskouriakoff descobriu que entre 534 e 593 não fora erigido nenhum monumento pelos maias, então ela propôs que nesse período os maias passaram por um hiato, e talvez o responsável por esse hiato tenha sido o Senhor da Água, governante de Caracol, que durante o séc. VI controlou quase toda a região do Petén.

Foi no reinado de Crânio de Animal (que durou, aproximadamente 65 anos) que Tikal conseguiu conter as forças de Caracol, pois Crânio de Animal criou um novo reino satélite, bastante belicoso, no Petexbatún (porção sudoeste de Tikal).⁵⁸

O sucessor de Crânio de Animal foi seu filho Balah-Kan-K'awil, que assumiu o poder na cidade de Dos Pilas e passou a defender os interesses de vários inimigos de Tikal.

Num-Bak-Chak (Crânio Escudo) foi outro grande governante de Tikal (não se sabe se ele era filho ou neto de Crânio de Animal), mas ele mal assumiu o trono e outra guerra entre Tikal e Kalak'mul foi iniciada (657). Num-Bak-Chak refugiou-se em Palenque em 659, recuperou as forças e voltou em 672 para iniciar uma outra guerra. Mas o triunfo durou pouco, apenas 5 anos, pois Balah-Kan-K'awil, cumprindo ordens do seu senhor (o governante de Kalak'mul), atacou Tikal e matou Num-Bak-Chak em 679. Segundo textos encontrados em Dos Pilas, Balah-Kan-K'awil e seus homens investiram contra as 13 províncias de Tikal, pilhando-as, destruindo monumentos e matando a população.

Após esses anos de perdas sucessivas, o governante Hasaw-Kan-K'awil juntamente com seu filho Yik'in-Kan-K'awil (também conhecidos como Soberanos A e B, respectivamente) começaram uma campanha de reconstrução da capital arruinada, bem como tentaram resgatar a honra dos seus ancestrais. Entre 682 e 750, construíram e restauraram belas edificações e complexos em Tikal, principalmente os templos da Acrópole Norte e da Grande Praça (citamos o Templo 33-1^o e o Templo 1⁵⁹), onde a arquitetura teve características totalmente maias.

Não se sabe por que Tikal foi abandonada, a última estela traz a data de 869 d.C.

4.2 - A Bela Palenque

Palenque foi uma das primeiras cidades maias a ser explorada. Em meados do século XVIII o rei da Espanha, Carlos III, ordenou que fosse formada uma expedição àquela cidade. Porém, apenas em 1822 é que os resultados dessa expedição foram publi-

⁵⁸ As referências encontradas sobre Crânio de Animal datam do início do séc. VII.

⁵⁹ O templo 33-1^o foi construído sobre o templo 33-2^o (que guardava a cripta funerária do governante Céu Tempestuoso), como uma forma de Hasaw-Kan-K'awil homenagear seus ancestrais. Já o Templo 1 foi construído por Yik'in-Kan-K'awil, como "montanha mortuária" para seu pai.

cados. Seguiram-se outras expedições a Palenque, sendo as duas mais famosas a de John L. Stephens e Frederick Catherwood (que resultou no livro “Incidentes de Viagem na América Central”, de 1842), e a de Alberto Ruz, de 1952, na qual foi encontrada a cripta funerária do rei Pakal.

Palenque está situada na porção norte de Chiapas, que faz fronteira com o México e a Guatemala. Disso resultou o forte caráter comercial dessa cidade (os rios Grijalva e Usumacinta também favoreceram), que acabou sendo um dos maiores entrepostos comerciais entre o território maia e as culturas do Golfo do México, durante o período Clássico.

As pesquisas arqueológicas mostram que as mais antigas peças de cerâmica de Palenque datam do ano 100 d.C., dessa forma os primeiros assentamentos permanentes devem ter ocorrido por volta dos dois séculos seguintes, na fronteira noroeste da antiga cultura maia de Chicanel, centrada na floresta do Petén.

A história de Palenque só começou a ser escrita no dia 11 de março de 431, quando um homem chamado Bahlam-Kuk I (Jaguar-Quetzal) ascendeu ao trono.⁶⁰ Durante todo o século VII os governantes de Palenque realizaram um dos mais belos trabalhos artísticos já conhecido entre os maias. Os Templos das Inscrições, da Contagem, da Cruz, da Cruz Folhada e do Sol foram construídos nesse período, durante o reinado de dois importantes governantes: Pakal e seu filho Kan-Bahlam.

Em 603 nasceu Hanab-Pakal II, mais conhecido como Pakal, o Grande, e 12 anos depois (615) ele ascendeu ao trono de Palenque. O Templo das Inscrições foi obra sua, e foi lá que ele teve sua cripta funerária.⁶¹ Após a morte de Pakal, em 683, quem o sucedeu foi seu filho mais velho, Kan-Bahlam II (ou Chan-Bahlum II). Kan-Bahlam autorizou a criação da completa história da dinastia, mas isso tinha uma segunda intenção, como nos informa Andrew Coe: *“o propósito dessa criação era legitimar seu governo, pois ele não queria ser visto apenas como um ancestral, mas como uma figura associada à mais poderosa força da religião maia.”*⁶²

⁶⁰ O governante Kan-Bahlam (Cobra-Jaguar) foi o responsável por esse registro, pois ele mandou gravar em pedra os feitos das 11 gerações que o antecederam, desde Bahlam-Kuk I.

⁶¹ Ao redor da sua cripta funerária, Pakal mandou gravar o nome de seus ancestrais diretos, iniciando por Chaacal I. Segundo Schele e Freidel, essas inscrições são as Listas dos Reis nº 2 e 3.

⁶² “The purpose of this creation was to legitimize his rule, not only through ancestry but through associating himself with the most powerful forces in Maya religion.” In: COE, Andrew. *Step by step through two millenia of Palenque's History*, p.2. (Internet)

A necessidade de Pakal e Kan-Bahlam demonstrarem seu poder e a legitimidade de seus governos mandando gravar os nomes e datas de nascimento e morte de seus ancestrais, bem como construindo e reformando palácios e templos, proveio tanto das lutas e guerras muito freqüentes entre os séculos VI, VII e VIII (Bonampak e Kalak'mul foram as cidades que mais deram trabalho a Palenque), como da questão que envolvia a sucessão ao trono por uma linhagem iniciada pelo governo de uma mulher (Lady Zac-Kuk, a mãe de Pakal).⁶³

Pakal e Kan-Bahlam precisaram elaborar um bom plano estratégico. Eles primeiramente gravaram uma linha de descendência uniforme, como se ela não tivesse sido historicamente quebrada, e depois eles clamaram a legitimidade de seus governos através da mitologia. Os dois passaram a dizer que Lady Zac-Kuk, a mãe de Pakal, fora a primeira mãe dos deuses e reis no início da criação; ela era a mãe dos deuses que formavam a Tríade de Palenque. Pakal e Kan-Bahlam também disseram que Pakal havia nascido no dia que remontava a uma simetria temporal do nascimento de sua deusa-mãe, ou seja, ele trazia no sangue substâncias divinas. Com isso, eles demonstraram que eram produto dos deuses, declarando que a herança ao trono dada pela mãe de Pakal remontava aos atos dos deuses no início dos tempos: *“a transmissão direta do governo podia ser dada tanto pelas mulheres quanto pelos homens.”*⁶⁴

Porém, Kan-Bahlam percebeu que, para legitimar seu governo, precisaria de uma estratégia ainda maior do que a de seu pai, sendo assim, resolveu redefinir o processo de transmissão da dinastia. Estabeleceu que a transmissão da dinastia era tão somente um rito de comunhão estática entre o herdeiro e seu rei morto, ou seja, um ritual de transmissão direta de poder em vez de um sistema tradicional de sucessão. Além disso, ele utilizou os pilares do Templo das Inscrições⁶⁵ para contar sobre um ritual *“no qual seu pai o escolheu como legítimo herdeiro, transformando-o de uma criança humana em um deus vivo.”*⁶⁶

⁶³ Como tradicionalmente a linhagem maia era patrilinear, quando Lady Zac-Kuk assumiu o governo, ela quebrou essa tradição, o que já havia acontecido com sua avó, Lady Kanal-Ikal.

⁶⁴ “... the direct transmission of rule through females as well as males.” In: SCHELE, Linda e FREIDEL, David. *A forest of kings*, p.223-224.

⁶⁵ Quando Pakal morreu, Kan-Bahlam prestou várias homenagens a ele, e o término da construção do Templo das Inscrições foi uma delas, já que esse era o local da sua cripta funerária.

⁶⁶ “On these he depicted the rituals in which his father chose him as the legitimate heir and transformed him from a human child into a living god”. In: SCHELE, Linda e FREIDEL, David. Op. cit., p.235-236.

É sabido que sumérios e maias eram povos agrícolas que dependiam do controle das águas dos rios e das chuvas, mas estavam muito distantes no tempo e no espaço. Suas regiões apresentavam paisagens diversificadas (uma era desértica e recortada por montanhas e a outra, cercada por uma grande floresta tropical). Então, passamos a questionar sobre o que os teria levado a desenvolver uma arquitetura similar nos seus templos e palácios (o formato da pirâmide escalonada). Após algumas leituras, chegamos à conclusão de que a resposta a essa pergunta só poderia ser satisfatoriamente dada se levássemos em conta o aspecto religioso presente nesses dois povos, ou seja, a relação que eles estabeleciam entre arquitetura e religião. Dessa forma, pretendemos ampliar as áreas de estudo da História Antiga, mostrando que as atividades culturais e religiosas podem ser estudadas cientificamente, retirando o estigma de “curiosidade” ou “esoterismo” que as envolviam, até mesmo no meio acadêmico.

Com isso, a nossa pesquisa tem como objetivo principal apontar os aspectos mítico-religiosos que envolviam a construção dos templos e/ou palácios, na forma de pirâmides escalonadas, entre sumérios e maias, e para isso vamos fazer um estudo comparativo entre as religiões (mitologia) desses dois povos.

Com relação à delimitação temporal, vimos a Suméria durante o III milênio a.C. (3.000 a 2.000 a.C.) - momento do apogeu da III Dinastia de Ur, onde o soberano Ur-Namu empreendeu vários projetos de construção e restauração de templos -, e a Civilização Maia, entre os séculos II e IX d.C. (que corresponde ao período Clássico, quando, devido à concorrência por terras e poder, várias lutas foram travadas entre poderosas cidades-Estado, e os soberanos procuraram demonstrar sua supremacia construindo prédios cada vez mais altos), em cidades-Estado das terras baixas do sul, como Tikal e Palenque.

Através dos relatos mitológicos e cosmogônicos, foi possível o entendimento do pensamento de sumérios e maias, já que através dessas leituras compreende-se a noção que os povos tradicionais tinham da superioridade dos deuses frente aos homens, e o quanto eles precisavam da ajuda dos deuses para manter o cosmos² harmonizado.

² O cosmos era um todo harmônico entre universo e natureza.

Kan-Bahlam morreu em 702, não conseguindo deter Kalak`mul, que acabou destruindo o centro de Palenque. Mas Palenque reergueu-se e tornou-se uma potência regional, expandindo-se até Tabasco. Porém, a partir de 731 os governantes que subiram ao trono não empreenderam bons governos, um exemplo foi Kan-Hok-Xul II (irmão mais novo de Kan-Bahlam), que se tornou conhecido por ter se deixado capturar pelo novo centro militarista de Toniná.

A última inscrição de Palenque foi encontrada em um vaso, dentro de uma tumba, numa área residencial, e ela data de 799. De acordo com Andrew Coe:

“Os glifos gravados falam da ascensão ao trono de Palenque de 6 Cimi-Ah-Nab-Pakal (um nome meio mexicanizado “6 Cimi”, e com intenção de provocar uma associação com Pakal, o Grande). Esse último suspiro da dinastia de Palenque não durou muito. Em 810, cessou toda atividade ritual no centro da cidade. As datações das peças de cerâmica desse período atestam uma intrusão estrangeira no estilo das Terras Baixas ao norte de Tabasco. Elas devem provavelmente ter pertencido aos Putún (uma cultura maia), que devem ter ocupado uma Palenque já abandonada.(...) Depois de 900 d.C, quando os Putún deixaram Palenque, ela ficou deserta e seus templos foram encobertos pela floresta.”⁶⁷

4.3 - O Universo mitológico dos maias

Linda Schele e David Freidel comentam que mais do que uma coletânea de mitos e rituais exóticos, a religião dos maias respondia às questões sobre a origem da humanidade, o propósito da vida humana na Terra e a relação do indivíduo com a família, com a sociedade e com os deuses. Segundo esses pesquisadores, os maias acreditavam que da mesma forma que o milho precisava da ajuda do homem para ser plantado e colhido, o cosmos também necessitava de sacrifícios de sangue para manter a vida na Terra.

⁶⁷ “The glyphs record the ascension to Palenque’s throne of 6 Cimi-Ah-Nab-Pakal; the ruler’s name is half-Mexicanized (“6 Cimi”) and half tries to associate itself with Pakal the Great. This last gasp of Palenque’s dynasty did not endure. In 810, all ritual activity in the center of city stops. The ceramic dating to this era are a foreign intrusion crafted in the style of the Tabasco lowlands of the north. They probably belonged to Putún Maya tribespeople who occupied an abandoned city. (...) After A.D. 900, even they had deserted the city, and the temples were engulfed by forest.” In: COE, Andrew. Op. cit., p.2.

O mundo maia era formado por 3 domínios:

ABÓBADA CELESTE
MUNDO MÉDIO
MUNDO SUBTERRÂNEO (Xibalba)

Esses três domínios eram ligados pela “Árvore do Mundo” ou Árvore da Ceiba (Wacah Chan), que simbolizava o centro do mundo e era circundada pelos quatro pontos cardeais e pelo ponto central, cada um representava uma cor: NORTE (branco), SUL (amarelo), LESTE (vermelho), OESTE (preto) e o CENTRO (verde).⁶⁸

O Panteão maia também incluía vários deuses que habitavam os três diferentes domínios (13 divindades celestes, 7 divindades terrestres e 9 divindades subterrâneas):

Divindades celestes	Divindades terrestres	Divindades subterrâneas
Hunab Ku (deus criador)	Yum Kax (deus do milho)	Bolontiku (9 Senhores da noite)
Itzamna (céu/abóbada celeste)	Deus do trigo	Ah Puch (deus da morte)
Kinich Ahau (sol)	Deus do feijão	Ek Chuah (deus da guerra)
Ixchel (lua)	Deus Jaguar	Ixtab (deusa do suicida)
Planeta Vênus	Deus Puma	Kukulkan (serpente emplumada)
Xaman Ek (estrela Polar)	Deus Serpente	-
Chacs (deuses da chuva)	Deus Crocodilo	-
Bacabs (4 deuses que sustentavam o céu)	-	-

De acordo com Guy Annequin, os maias

“imaginavam a terra como um disco circular pousado sobre um crocodilo flutuando sobre as águas subterrâneas; e esse disco comportava nove diferentes mundos subterrâneos, empilhados, cada um dominado por um terrível e aterrorizante senhor da noite. De resto, quatro gênios protetores, os Bacabs, sustentavam o céu...”.⁶⁹

⁶⁸ Ver anexo 6.

⁶⁹ ANNEQUIN, Guy. *A civilização dos maias*, p.177.

A respeito dos mitos de origem dos maias, somente através do Popol Vuh, o “Livro do Conselho”, escrito pelos maias quiché, é que se pode conhecê-los, já que durante o domínio espanhol no México e na Guatemala foi queimada boa parte dos textos indígenas.⁷⁰

O Popol Vuh nos conta a história dos antigos deuses e suas tentativas de criar seres que soubessem adorá-los e alimentá-los. Em algumas versões, ele é dividido em eras e em outras, em criações; por isso, podemos falar que ele mostra as 3 grandes eras ou as 5 criações.⁷¹

Conforme o Popol Vuh, no início dos tempos tudo era calma e silêncio; só havia céu e mar, rodeados pelas trevas. Os casais de deuses, Tzacol (Criador) e Bitol (Formador), Tepeu (rei soberano) e Gucumatz (serpente emplumada) viviam na água, envoltos por uma claridade. Após uma longa conversa, os deuses decidiram que era chegado o momento da criação de seres vivos que iriam habitar a terra. Mas, para que esses seres pudessem ser criados, era preciso que o nível da água baixasse, fazendo com que a terra ficasse visível (dando origem às planícies, montanhas, montes, florestas e bosques), e que as trevas dessem lugar à luz. Com a ajuda do Coração do Céu (formado pelas entidades Huracán, Chipi-Caculhá e Raxa-Caculhá) e do casal de deuses Alom e Qaholom, Tepeu e Gucumatz iniciaram a criação. Primeiramente foram criados os animais, depois as gentes de lodo e as de madeira, porém como nenhum desses seres soube adorar aos deuses, todos eles foram castigados. Por fim, a criação de seres feitos do milho (das espécies branca e amarela) vingou. Esses seres souberam adorar aos deuses e ainda passaram a alimentá-los com ervas, com pequenos animais e com o sangue de seus corpos. Aos 4 primeiros homens, juntaram-se as 4 primeiras mulheres e esses casais foram responsáveis pela disseminação da raça dos homens de milho e pela criação das primeiras tribos mesoamericanas.

No decorrer das páginas desse livro sagrado dos maias, encontramos algumas referências às montanhas:

⁷⁰ Todos esses textos foram considerados pagãos e demoníacos pelos religiosos católicos que tiveram a missão de catequizar o povo do novo mundo, no séc. XVI, um dos que mais fervorosamente os destruiu foi o Bispo Diego de Landa, juntamente com o Padre Bobadilla.

⁷¹ Era dos Deuses. Era dos Heróis e Era dos Homens; já as criações são as seguintes: Homens de Lodo, Homens de Madeira, Vucub-Caquix e família, Xibalba e Homens de Milho.

- a) Foi no alto de uma montanha que Xquic deu à luz aos gêmeos Hunahpú e Xbalanqué, os heróis que posteriormente foram transformados no Sol e na Lua;
- b) foi para uma montanha que as tribos se dirigiram após sua saída de Tulán, e foi nela que pela primeira vez o povo viu o sol, a lua e as estrelas;
- c) o Monte Hacavitz foi o local da aldeia dos 4 primeiros homens e de suas 4 esposas, e foi lá que eles se protegeram do ataque das tribos enfurecidas, conseguindo matar muitos homens e fazendo com que o povo das tribos se humilhasse perante eles e seus ídolos;
- d) era no alto das montanhas que os homens construíam suas casas e as casas de seus ídolos.

Isso nos mostra como as montanhas eram especiais para os maias, da mesma forma que para os sumérios, pois elas eram revestidas por um caráter sagrado.

Mas, qual a ligação que os maias faziam entre as montanhas sagradas e suas construções em pedra?

4.4 - Os Complexos arquitetônicos de Tikal e Palenque

Conforme Henri Stierlin, *“o estudo das antigas construções maias mostra que as construções permanentes foram, essencialmente, uma transposição para a pedra - uma ‘petrificação’ - da cabana primitiva.”*⁷² Foi a cabana que inspirou o arranjo interior dos palácios e dos santuários construídos no topo das pirâmides (ver anexo 9). Ele explica que o fato de as grandes construções maias terem sido erigidas sobre altas plataformas vem do costume das humildes famílias que construíam suas cabanas sobre uma pequena plataforma de terra, com a finalidade de proteger a cabana durante as estações chuvosas. Com o passar do tempo, as plataformas foram ampliadas e outros elementos foram acrescentados a elas. Porém, foram os centros cerimoniais mais antigos que reforçaram a idéia da plataforma (ou subestrutura) incorporada aos templos e palácios. De acordo com Stierlin, a diferença entre as plataformas das cabanas e as dos primeiros santuários reli-

⁷² “The study of ancient Maya buildings shows that the permanent constructions were, essentially, a transposition into stone - a “petrification” - of the primitive hut.” In: STIERLIN, Henri. *The Maya - palaces and pyramids of the rainforest*, p.22.

giosos estava na altura das plataformas que sustentavam esses últimos.

Quanto à função dos templos-pirâmides maias, Stierlin comenta que era a de suportar um santuário (igual à dos sumérios). Logo, o templo visto como a própria casa da divindade era totalmente diferente da função dada pelos egípcios às suas pirâmides, que era a de ser um monumento funerário. Através de escavações arqueológicas, descobriu-se que as bases de algumas pirâmides maias escondiam criptas funerárias de importantes governantes, e isso proporcionou a elas uma dupla função: templo e monumento funerário ao mesmo tempo. Sobre esse aspecto singular, Stierlin faz a seguinte observação:

“Porém, como o poder autocrático do governante de cada cidade aumentava gradualmente, com a tendência de alguns centros imporem sua hegemonia entre os assentamentos vizinhos, as funções religiosa e funerária fundiram-se em uma glorificação do poder pessoal. As pirâmides, então, passaram a transcender suas maiores funções e começaram a ser construídas ‘a torto e a direito’ como uma asserção hercúlica do poder do governante da cidade. E as estelas, dispostas ao pé de cada templo, proclamavam os feitos do reinado de cada governante (...).

A arquitetura maia, vista nessa perspectiva, tornou-se o instrumento da glória individual: o rei passou a ser a personalidade para quem se dedicava altares, plataformas e pirâmides para obter poderes divinos; veio a se tornar muito próximo às divindades as quais ele próprio honrava.”⁷³

Segundo Linda Schele e Peter Mathews, como os maias desenvolveram uma estrutura de hierarquização social, eles passaram a criar mitos e metáforas que explica-

⁷³ “But as the autocratic power of the master of each city gradually increased, and with it the tendency of certain great centers to impose their hegemony on neighboring settlements, the religious and funerary functions fused in a glorification of personal power. The pyramids came to transcend their more strictly defined functions, and were built largely as a herculean assertion of the power of the city’s ruler. And the stelae arranged on the esplanade at the foot of each temple proclaimed in writing the great deeds of each potentate’s reign (...).

Maya architecture, seen in this perspective, became the instrument of individual glory: the king, as the person who dedicated altars, platforms and pyramids to divine powers, came to be very closely associated with the divinities that he honoured.” In: STIERLIN, Henri. Op. cit., p.51.

vam ao povo como o mundo fora criado e por que a estratificação/diferenciação social era algo natural na sociedade. Nesse processo, a elite governante começou a construir enormes prédios públicos (bem como grandes escadarias hieroglíficas) que transmitiam a mitologia maia e os feitos dos antigos governantes através de esculturas, relevos e pinturas, juntamente com rituais associados a essas construções.

Era costume dos governantes maias construir templos em homenagem aos seus ancestrais, e que garantissem a proteção das suas criptas funerárias, e palácios que ostentassem seu poder e suas riquezas. Os governantes ainda reformavam antigos templos, tornando-os cada vez mais altos (através da técnica de sobreposição), e nessas reformas eles enterravam alguns itens importantes, citamos como exemplo a construção do Templo 33 - 1º sobre o Templo 33 - 2º, onde o governante de Tikal, conhecido por Soberano A, enterrou a famosa Estela 31 (que contava a história do governo de Toh-Chak-Ich'ak, um dos maiores governantes de Tikal, e das lutas entre Tikal e Waxaktun).

Dentre os diversos complexos arquitetônicos de Tikal, citamos os Templos I e II (que formavam a Grande Praça), o Palácio de Toh-Chak-Ich'ak (na Acrópole Central), o Templo 33 (na Acrópole Norte) e o Complexo da Pirâmide Gêmea (na Acrópole Leste); já em Palenque, tivemos o Templo das Inscrições, o Templo da Contagem, o Templo da Cruz, o Templo da Cruz Folheada e o Templo do Sol (esses 3 últimos templos formavam o Grupo da Cruz). Todas essas construções foram realizadas e/ou reformadas durante o período Clássico. Atualmente, através do esforço de arqueólogos, arquitetos e engenheiros, essas antigas construções passaram e ainda passam por um processo de restauração e estão em um bom estado de conservação.

Com relação às metáforas usadas pelos maias, destacamos a que nos interessa no momento, a pirâmide tida como uma montanha.

"Desde que os maias conceberam as montanhas como seres vivos, eles as representavam como criaturas zoomórficas, com olhos, focinho, boca e ouvido. As 'montanhas-monstros' foram comuns nas extremidades das construções, nos terraços e ao redor das portas. Havia duas montanhas principais com uma importância particular na cosmogonia maia e no seu simbolismo político: a) Montanha do Alimento, também conhecida por Yax-Hal-Witz, 'a primeira e verdadeira montanha', a qual era representada como

*uma montanha rachada com o Deus do Milho emergindo da fenda:
b) Montanha da Serpente, chamada de Kan-Witz, era representada
como uma 'montanha-monstro' com serpentes emergindo da sua
boca ou penetrando-a por todos os lados, ou por serpentes ao
redor da base da pirâmide".⁷⁴*

Os maias decoravam seus templos e palácios com imagens de montanhas-monstros (ver anexo 9) porque assim essas construções se tornavam montanhas sagradas e, através de rituais específicos, ganhavam vida. Dessa maneira, a porta do templo, por exemplo, tornava-se similar à entrada da caverna, que conduzia para o coração da montanha, que por sua vez guardava a passagem para o Outromundo (o Mundo Subterrâneo/Xibalba).⁷⁵

Nos rituais em que os deuses e os seres do Outromundo se materializavam na forma de objetos, pessoas e construções havia um acúmulo muito grande de energia, e quanto mais esses rituais eram repetidos, mais sagrados ficavam esses objetos, pessoas e construções. Então, como os governantes construía e reformavam constantemente os templos (sobreposição), os santuários dentro deles tornavam-se cada vez mais sagrados e venerados.

⁷⁴ "Since the Maya conceived of mountains as living beings, they represented them as zoomorphic creatures, complete with eyes, muzzle, mouth and ear ornaments. Mountain monsters, identified by a combination of *tun* ("stone") markings and a cleft in their forehead, occur on the corners of buildings, on terraces, and around the doorways. There were two principal mountains of particular importance in Maya cosmogony and political symbolism: Sustenance Mountain, also called *Yax-Hal-Witz*, "First True Mountain", which was shown as a split mountain with the Maize God emerging from the cleft, and Snake Mountain, called *Kan-Witz*, which they showed as a mountain monster with snakes emerging from its mouth, or penetrating it from side to side, or with snakes around the base of a pyramid." In: SCHELE, Linda e MATHEWS, Peter. *Op. cit.*, p.43.

⁷⁵ A pesquisa do arqueólogo James E. Brady constatou que alguns templos-pirâmides maias foram construídos sobre cavernas naturais e/ou artificiais, e dentro dessas cavernas foram encontrados vários objetos que o arqueólogo supõe terem servido como oferendas rituais ou como artefatos xamanistas.

5 - CONCLUSÃO

Conhecendo a história de sumérios e maias, percebe-se a grande atenção que os governantes de cada cidade-Estado dispensavam às construções de prédios públicos, como templos e palácios.

Tanto sumérios quanto maias pensavam numa não homogeneidade do espaço, acreditando que havia, dentro de uma localidade, espaços diferenciados, onde o centro delimitava o espaço sagrado. Esse centro representava a zona de interseção entre o céu, a terra e o mundo subterrâneo (inferno) - inclusive vários povos, em suas mitologias, simbolizavam o centro como uma árvore, uma montanha, uma escada ou um cipó -, por isso as construções que se localizavam no centro eram revestidas de uma áurea sagrada e só quem tinha acesso eram os iniciados.

Devido à sacralidade do centro, a principal construção erguida nesse espaço era o templo. O templo, que no seu início não passava de um simples altar, foi tomando corpo e se tornou cada vez mais alto e imponente. Para os povos tradicionais havia uma ligação entre altura e transcendência, com isso o templo, quanto mais alto, mais sagrado e mais próximo dos deuses se encontrava o sacerdote e o governante que o tinha ampliado.

Comparando a mitologia suméria com a maia, encontramos algumas semelhanças, entre elas: o simbolismo do centro (a grande montanha An-Ki, dos sumérios, e a Árvore da Ceiba, dos maias); a noção da divisão da Terra em 3 zonas ou domínios (abóbada celeste, mundo médio (terra) e mundo subterrâneo), onde cada um deles estava subdividido em camadas ou etapas; a importância dada à observação do céu (ao Sol, à Lua, às estrelas e ao planeta Vênus); o ser humano como uma criação dos deuses, com função de adorá-los e alimentá-los (as estátuas dos deuses eram tidas como os próprios deuses, sendo alimentadas, lavadas e adornadas); o templo visto como a casa do deus.

Sumérios e maias acreditavam que o céu era o meio por onde os deuses se comunicavam com maior facilidade, daí a constante preocupação em observá-lo e em interpretar os sinais trazidos pelo Sol, pela Lua, pelas estrelas e pelo planeta Vênus.

Nessa tentativa de agradar aos deuses, esses povos precisavam de uma “ponte” que ligasse seu domínio (terra) ao domínio dos deuses (abóbada celeste e mundo subterrâneo), para que emissários especiais (xamãs e sacerdotes) pudessem ir diretamente ao encontro deles. A imagem da montanha, por sua altura e imponência, passou a ser idealizada, onde no seu cume e na caverna que se escondia sob ela estavam as passagens para os outros dois domínios. Então, esses povos passaram a construir seus templos em forma de montanhas, com isso foi criada a estrutura da pirâmide escalonada, ou seja uma construção piramidal composta de vários níveis e escadarias laterais, onde em seu topo havia o templo propriamente dito, representando a morada da divindade.

6 - BIBLIOGRAFIA

6.1 - Fontes

A CRIAÇÃO do homem. [online]. Disponível na Internet: <http://www.geocities.com/Athens/Olympus/7866/sumeria_mito_1.html>.

A LISTA dos reis sumérios. [online]. Disponível na Internet: <<http://www.angelfire.com/me/babiloniabrasil/reisumer1.html>>.

ANTES de todos os antes: como a Terra se apaixonou pelo céu. [online]. Disponível na Internet: <<http://www.angelfire.com.br/me/babiloniabrasil/anki.html>>.

ENKI e a organização do mundo. [online]. Disponível na Internet: <<http://www.angelfire.com.br/me/babiloniabrasil/Enki.html>>.

6.2 - Bibliografia

ADRIANI, Maurilio. **História das religiões**. Lisboa: Edições 70, 1997.

ANNEQUIN, Guy. **A civilização dos maias**. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1978.

ARNOLD, Paul. **O livro dos mortos dos maias - a escrita maia decifrada**. São Paulo: Hemus, [s.d.].

BENEVOLO, Leonardo. **Diseño de la ciudad - el arte y la ciudad antigua**. México: Ediciones G. Gili, 1978. v.2.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1991. v.1. cap.2, p.35-41: Mito, rito e religião.

BOWER, Bruce. Sacred secrets of the caves. **Science News Online**. [online]. 1998. [cited January 24, 1998]. Available from Internet: <http://www.sciencenews.org/sn_arc98/1_24_98/bob1.htm>.

CAMPBELL, Joseph. **A imagem mítica**. Campinas: Papirus, 1994. cap.2, p.75-203: A idéia de uma ordem cósmica.

Utilizamos como base bibliográfica, as obras dos historiadores das religiões Mircea Eliade e Maurilio Adriani, do mitólogo Joseph Campbell e dos filósofos Ernst Cassirer e Marilena Chauí (essas obras deram o subsídio teórico-metodológico da pesquisa). Obras sobre arqueologia e arquitetura também foram consultadas, assim como alguns artigos pesquisados na Internet. Essa abordagem interdisciplinar deu mais consistência ao nosso trabalho.

O presente trabalho está constituído em 3 capítulos. No primeiro, fazemos algumas considerações sobre o conceito de mito, explicamos o que foram as sociedades tradicionais e a importância que elas davam aos símbolos ascensionais e ao simbolismo do Centro do Mundo, como também o elo que havia entre arquitetura e religião. No segundo, traçamos um breve histórico do povo sumério e abordamos o universo mitológico deles, enfocando a importância dos zigurates de Ur e de Nipur; já o terceiro consta de uma panorâmica do mundo maia, com destaque para as cidades e obras arquitetônicas de Tikal e Palenque, e também o seu universo mitológico. Concluímos o trabalho com um paralelo entre os pensamentos mitológicos de sumérios e maias, mostrando seus pontos convergentes e entendendo porque eles construíram seus templos e/ou palácios na forma de pirâmides escalonadas.

Devido ao fato de utilizarmos termos vinculados à História das Religiões, as palavras do texto que estiverem em **negrito** serão expostas num glossário anexo ao trabalho.

Outro esclarecimento se faz necessário quanto à grafia de alguns nomes de cidades e deuses sumérios presentes nesse trabalho. Seguimos os estudos da escrita cuneiforme de C. B. F. Walker, que nos informa que em sumério podia haver combinações entre vogais e consoantes, mas nunca uma palavra era formada por duas ou mais consoantes juntas, diferente da língua semita (usada por acadianos, assírios e babilônios), onde a maioria das raízes das palavras era formada por três consoantes seguidas (*prs*, por exemplo). Como inúmeros textos sumérios foram encontrados nas bibliotecas reais de Nínive (Assíria), geralmente eles eram grafados em língua semita ou bilingüe (sumério e semita), mas havia uma forte influência da grafia e da forma como essas civilizações semitas denominavam, por exemplo, os deuses mesopotâmicos, o que alterava os seus nomes originais. Isso posto, procuramos escrever os nomes sumérios em sua forma original, sem a duplicação seguida das consoantes numa mesma palavra.

- _____. **As transformações do mito através do tempo.** São Paulo: Cultrix, 1993.
- CARDOSO, Ciro Flamarion S. **América pré-colombiana.** 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- _____. **Deuses, múmias e ziggurats: uma comparação das religiões antigas do Egito e da Mesopotâmia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CARTER, Geraldine. **Mitologia latino-americana - astecas, maias, incas e amazônia: guia ilustrado.** Lisboa: Estampa, 1995. cap.2, p.53-79: Popol Vuh: o livro dos maias.
- CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem - introdução a uma filosofia da cultura humana.** 2.tir. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 1996. cap.2, p.297-314: A experiência do sagrado e a instituição da religião.
- CHILDE, V. Gordon. **O que aconteceu na história?** 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- COE, Andrew. **Step by step through two millenia of Palenque's History.** [online]. Available from Internet: <http://www.moon.com/travel_matters/hot_off_the_press/palenque.html>.
- COE, Michael D. **Os Maias.** Lisboa: Verbo, 1968.
- COE, Michael; SNOW, Dean; BENSON, Elizabeth. **Antigas Américas - mosaico de culturas.** Madrid: Edições del Prado, 1997. v.1.
- DIAKOV, V. e KOVALEV, S. **História da antigüidade - a sociedade primitiva/o oriente.** 2.ed. Lisboa: Estampa, 1976. cap.6, p.119-138.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.125-146.
- ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito.** Lisboa: Edições 70, 1989.
- _____. **O conhecimento sagrado de todas as eras.** São Paulo: Mercury, 1995.
- _____. **Imagens e símbolos - ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.** 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. **História das crenças e das idéias religiosas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1983. v.1.
- _____. **Mito do eterno retorno - Cosmo e História.** São Paulo: Mercury, 1992.

- _____. **A provação do labirinto** - conversas com Claude-Henri Rocquet. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- _____. **O sagrado e o profano** - a essência das religiões. 3.tir. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. cap.8, p.287-317: Xamanismo e cosmologia.
- GENDROP, Paul. **A civilização dos maias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- GILGAMESH, Rei de Uruk (épico sumério). 2.ed. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
- GIORDANI, Mário Curtis. **História da América pré-colombiana**. Petrópolis: Vozes, 1991. cap.6, p.174-205.
- GONZALEZ, Federico. **Arte, símbolo y mito en las culturas tradicionales: la Civilización Maya**. [online]. Disponible en la Internet: <<http://www.geocities.com/~simbolos/s2fgon1.htm>>.
- HAMDANI, Amar. **Suméria - a primeira grande civilização**. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1978.
- HERNANI, Donato. **A palavra escrita e sua história**. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962. p.131-146.
- HOCHLEITNER, Franz Joseph. **Chuen - o novo calendário maia**. Juiz de Fora: EDUFJF; Campinas: Pontes, 1994.
- IVANOFF, Pierre. **Descobertas na terra dos maias**. 4.ed. São Paulo: DIFEL, 1976.
- KRAMER, Samuel Noah. **A História começa na Suméria**. Portugal: Europa-América, [s.d.].
- LEHMANN, Henri. **As civilizações pré-colombianas**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965. p.51-68.
- McCALL, Henrietta. **Mitos da Mesopotâmia**. São Paulo: Moraes, 1994.
- McGUIRE, Gibson. **Nippur - sacred city of Enlil: supreme god of Sumer and Akkad**. [online]. Available from Internet: <<http://www-oi.uchicago.edu/OI/PROJ/NIP/PUB93/NSC/NSC.html>>.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na História**. Belo-Horizonte: Itatiaia, 1965. p.11-78. v.1.

- OPPENHEIM, A. Leo. **Ancient Mesopotamia: portrait of a dead civilization.** Chicago: The University of Chicago Press, 1968. p.95-108.
- POMER, León. **História da América hispano-indígena.** São Paulo: Global, 1983. cap.3, p.17-25: Os maias.
- PROSKOURIAKOFF, Tatiana. **An album of maya architecture.** Oklahoma: University of Oklahoma Press, 1963.
- RAMOS, César Lizardi. El tiempo y el espacio entre los mayas. **Boletín Bibliográfico de la Secretaria de Hacienda y Credito Publico,** México, n.410, p.6-8, mar.1969.
- RECINOS, Adrián. **Popol Vuh - las antiguas historias del Quiché.** México: Fondo de Cultura Económica, 1968.
- REYNOSO, Diego. **Popol-Vuh - a origem da antiga verdade pré-colombiana: mito e tradições dos indígenas.** São Paulo: Ícone, 1990.
- ROAF, Michael. **Mesopotâmia e o antigo Médio Oriente.** Madrid: Edições del Prado, 1997. v.1.
- SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Cosmogonia mesoamericana: Popol Vuh e Códice Borgia.** [online]. Disponível na Internet: <<http://www.ceveh.com.br/artigos/p-cosmogonia.htm>>.
- SCHELE, Linda e FREIDEL, David. **A forest of kings: the untold story of the ancient maya.** New York: Quill, 1990.
- SCHELE, Linda e MATHEWS, Peter. **The code of the kings - the language of seven sacred maya temples and tombs.** New York: Scribner, 1998.
- STIERLIN, Henri. **The Maya -palaces and pyramids of the rainforest.** Cologne:Taschen, 1997.
- THE GODS of Sumer between 3000 BC and 2000 BC. [online]. Available from Internet: <<http://members.tripod.com/historel/orient/02mesop.htm>>.
- THE RELIGIOUS Establishment at Nippur. [online]. Available from Internet: <<http://www.fortunecity.com/victorian/stone/319/nprestab.html>>.
- WALKER, C. B. F. O Cuneiforme. In: **Lendo o passado: do cuneiforme ao alfabeto.** A história da escrita antiga. São Paulo: EDUSP/Melhoramentos, 1996. p.19-92.

ANEXO 1

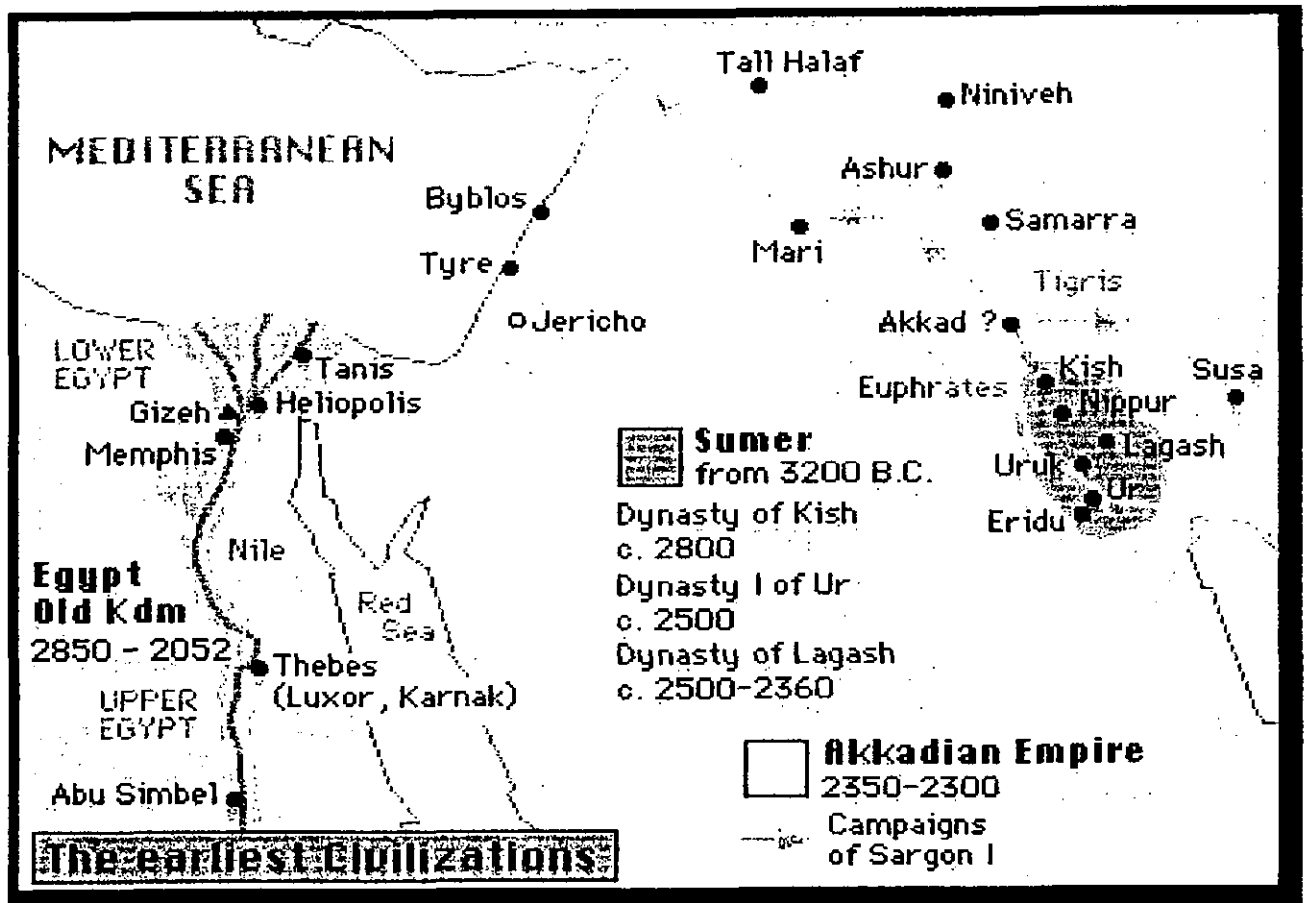
<i>axis mundi</i>	centro do mundo/eixo do mundo
cosmogonia	relatos sobre a criação do mundo
<i>gesta</i>	obras/façanhas/proezas
hierofania	manifestação do sagrado
<i>in illo tempore</i>	naquele tempo/no início dos tempos

Glossário

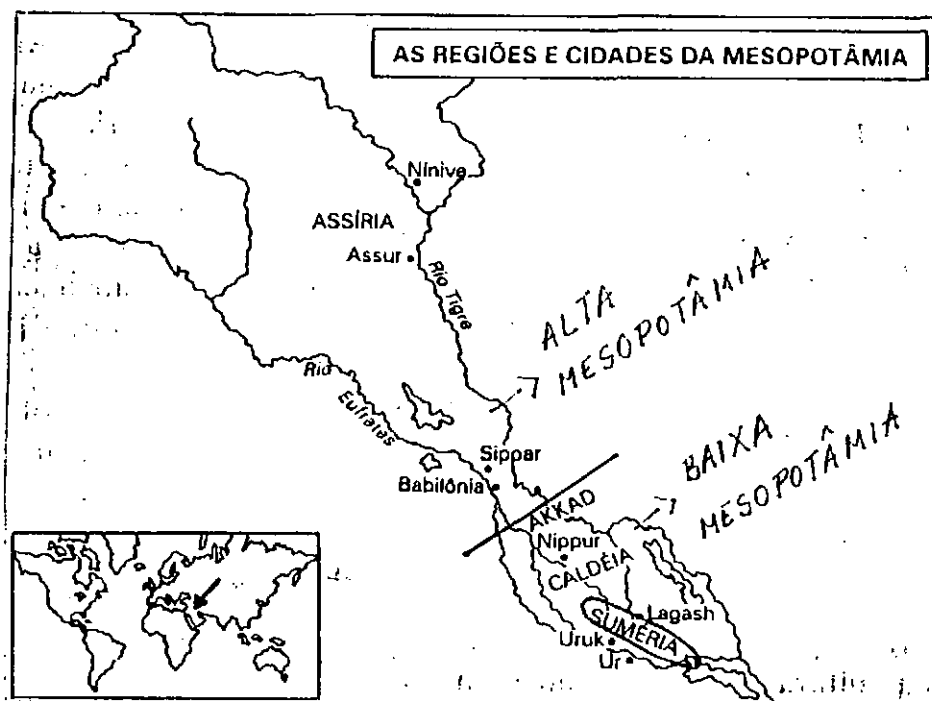
<ul style="list-style-type: none">• Em sumério, o Š é equivalente ao sh.
<ul style="list-style-type: none">• Os nomes dos governantes maias tanto podem aparecer completos, como em forma de apelidos dados por suas narrativas mitológicas. EX: Sian-Kan-K'awil = Céu Tempestuoso.

Observações

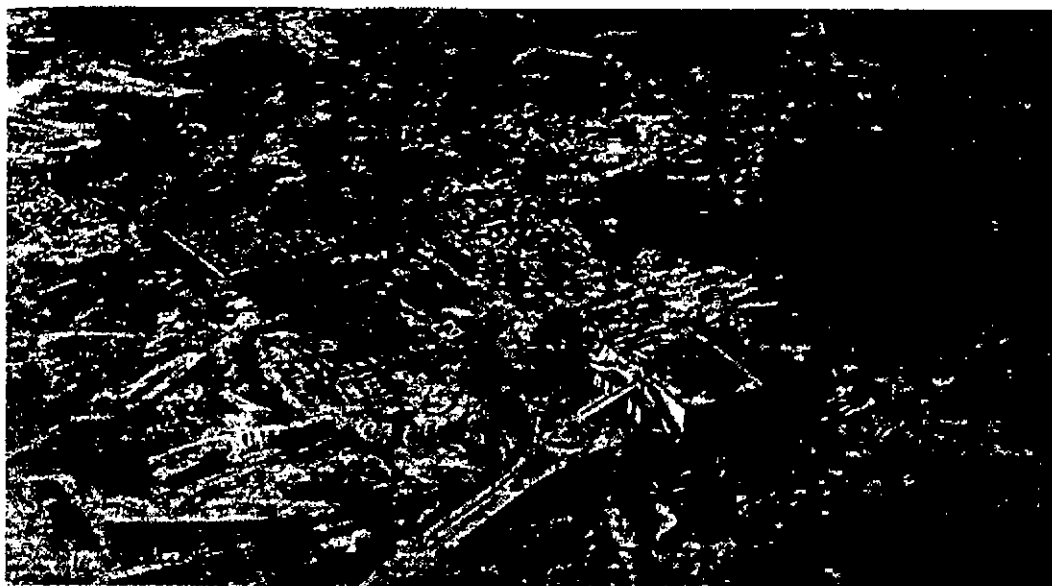
ANEXO 2



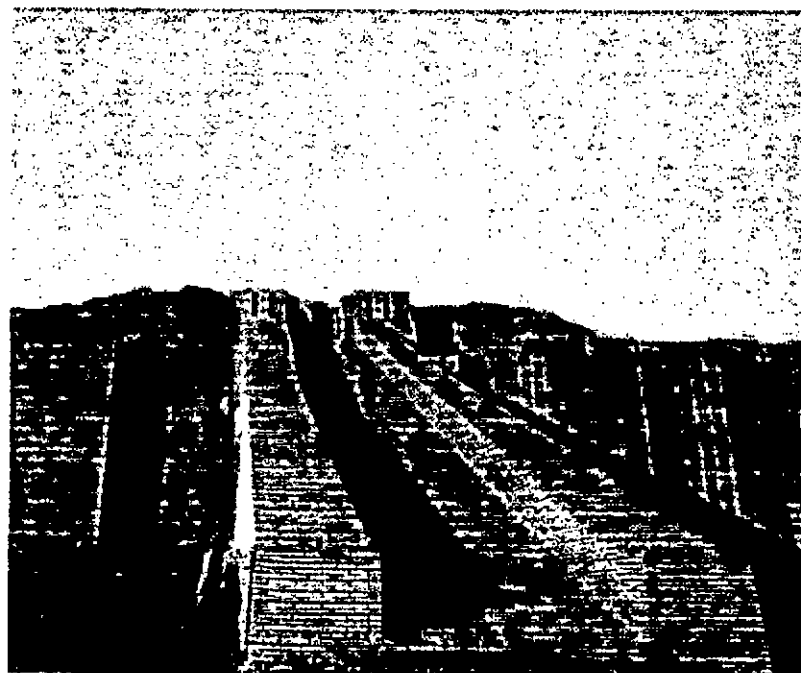
Mapa da Suméria



ANEXO 3

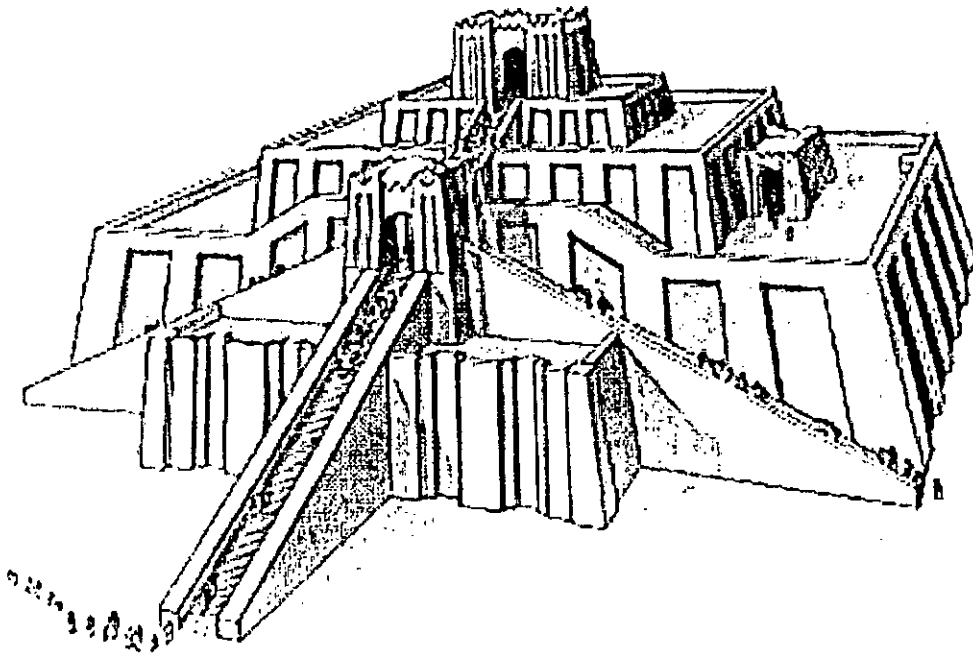


Vista aérea do zigurate de Ur



Escadaria frontal do zigurate de Ur

ANEXO 4

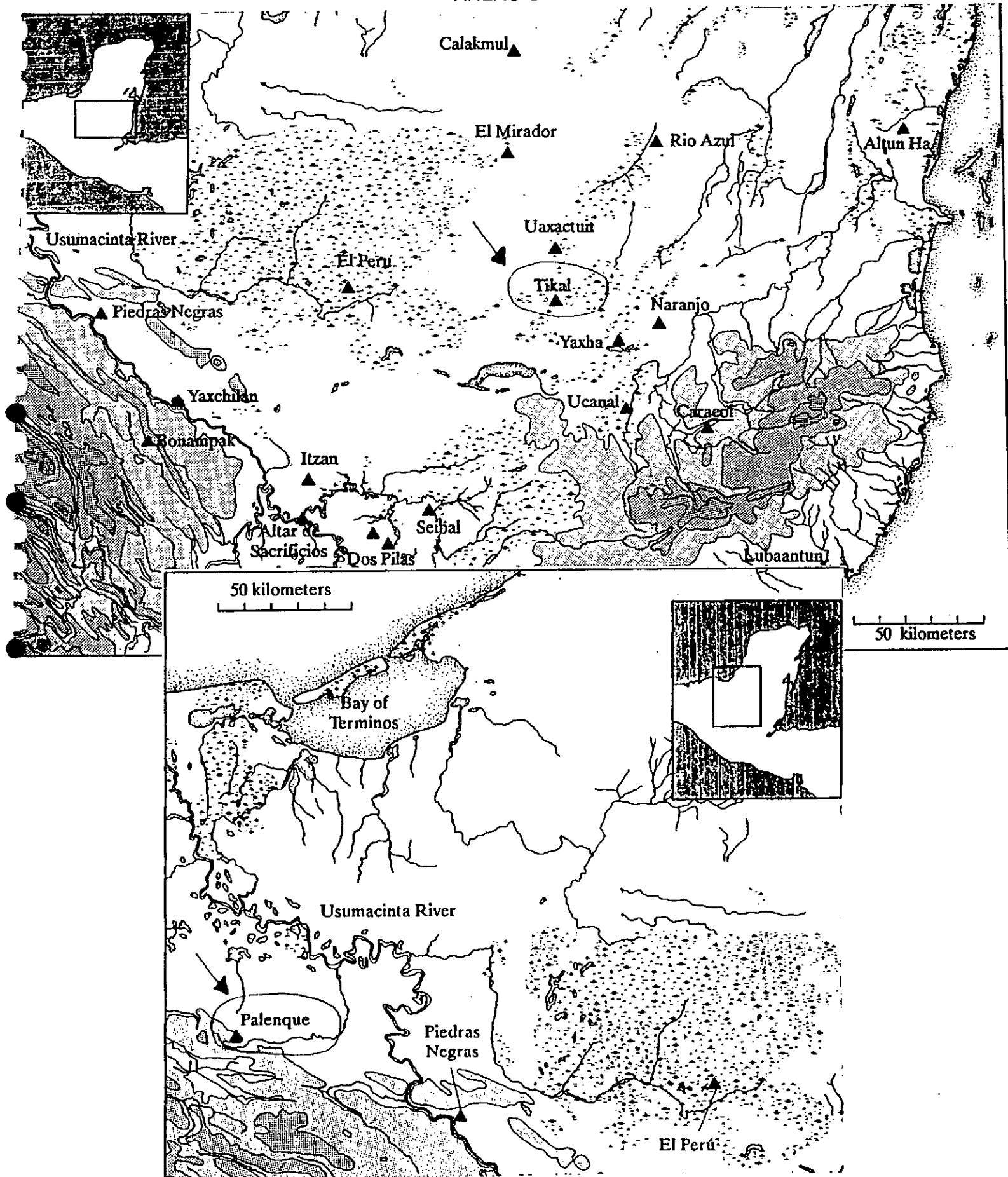


Zigurate de Ur, templo do deus Nana-Suen (E-Temen-Ni-Gur)



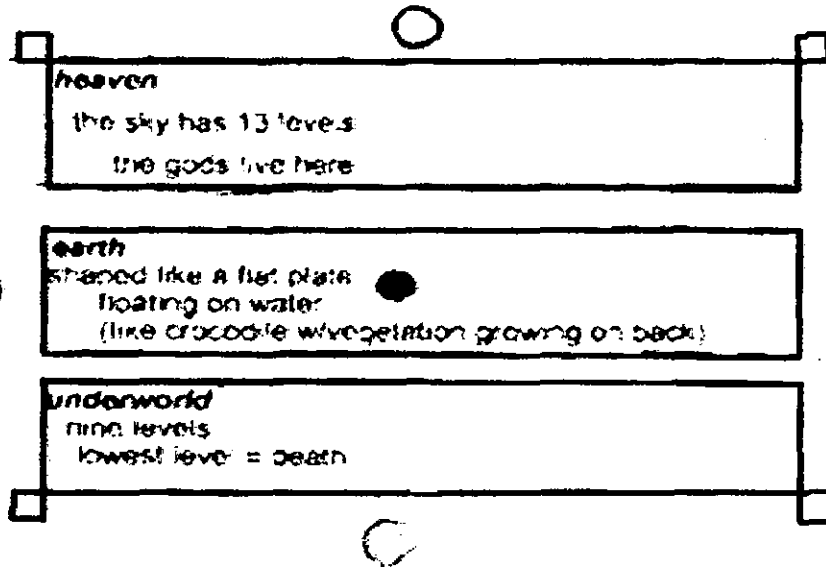
Zigurate de Nipur, templo do deus Enlil (E-kur)

ANEXO 5

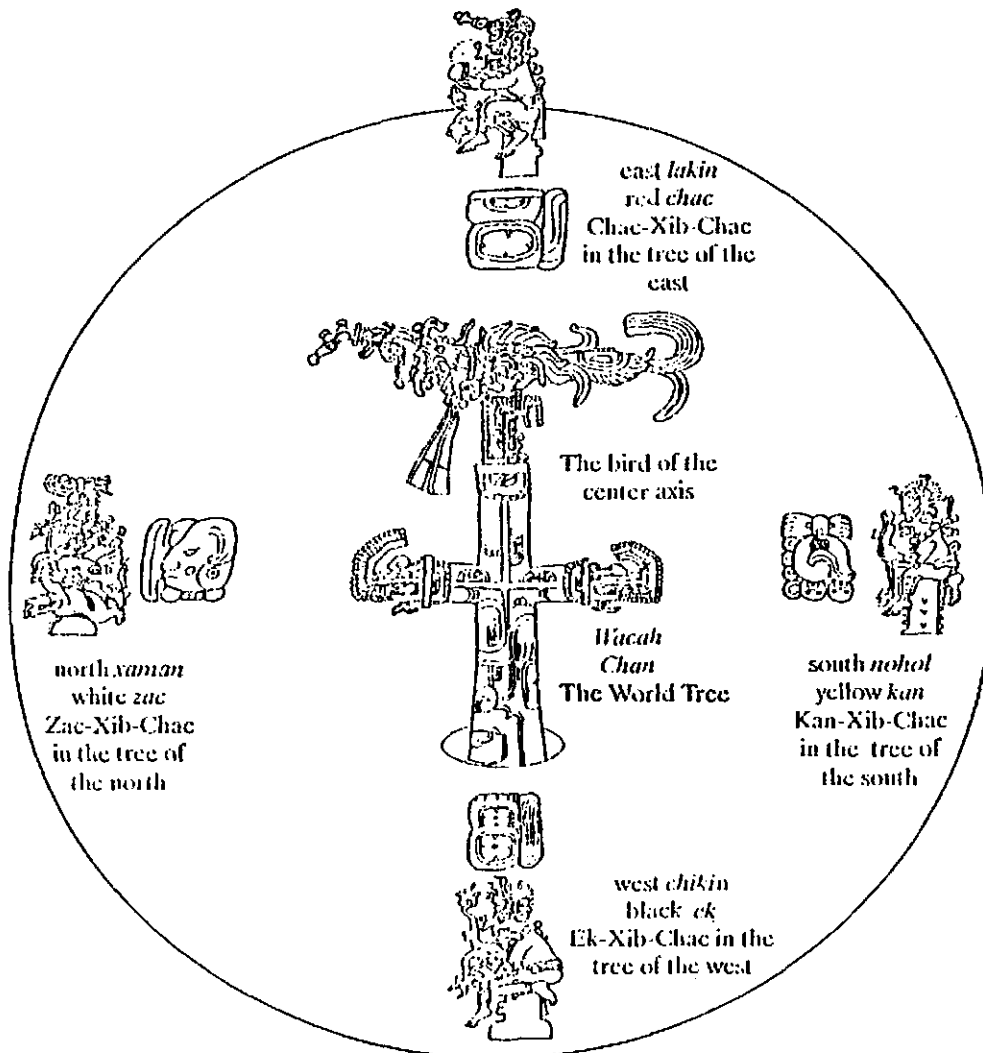


Mapa das Terras Baixas do Sul (Tikal e Palenque)

ANEXO 6

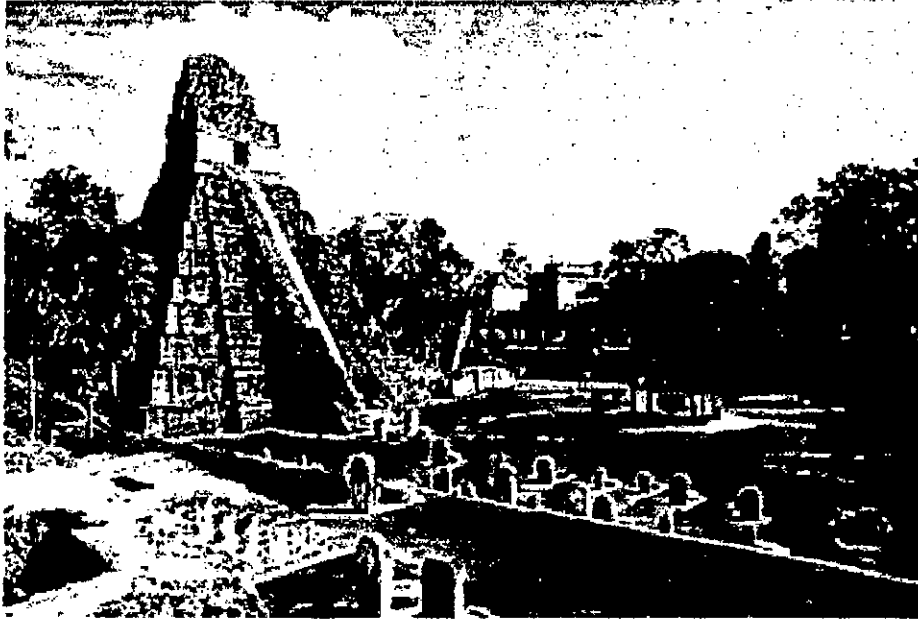


Representação do mundo para os maias

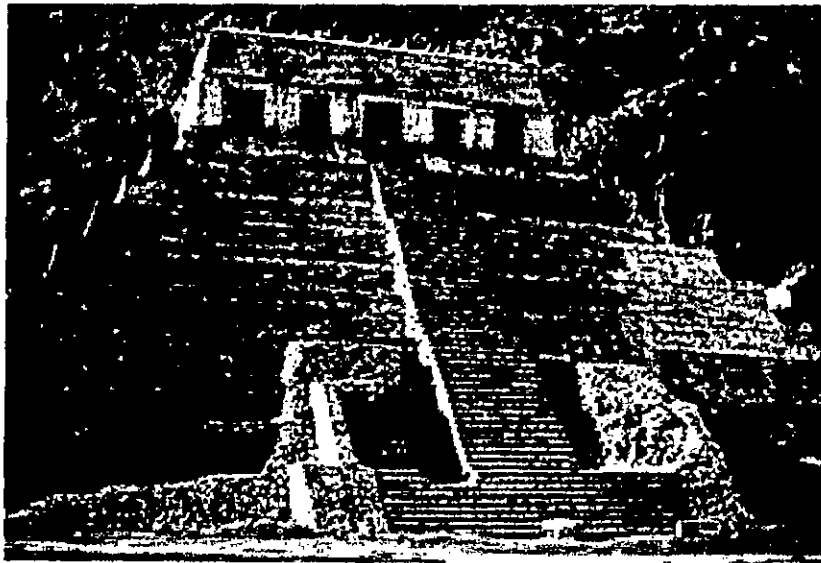


Representação da Árvore da Ceiba

ANEXO 7



Templo I (Tikal)



Templo das Inscrições (Palenque)

2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE MITO

"Não estando mais num universo meramente físico, o homem vive em um universo simbólico. A linguagem, o mito, a arte e a religião são partes desse universo."

(Ernst Cassirer)

Ao iniciarmos nosso trabalho, trataremos do conceito de mito e também a diferença entre mito e lenda, para os povos tradicionais.

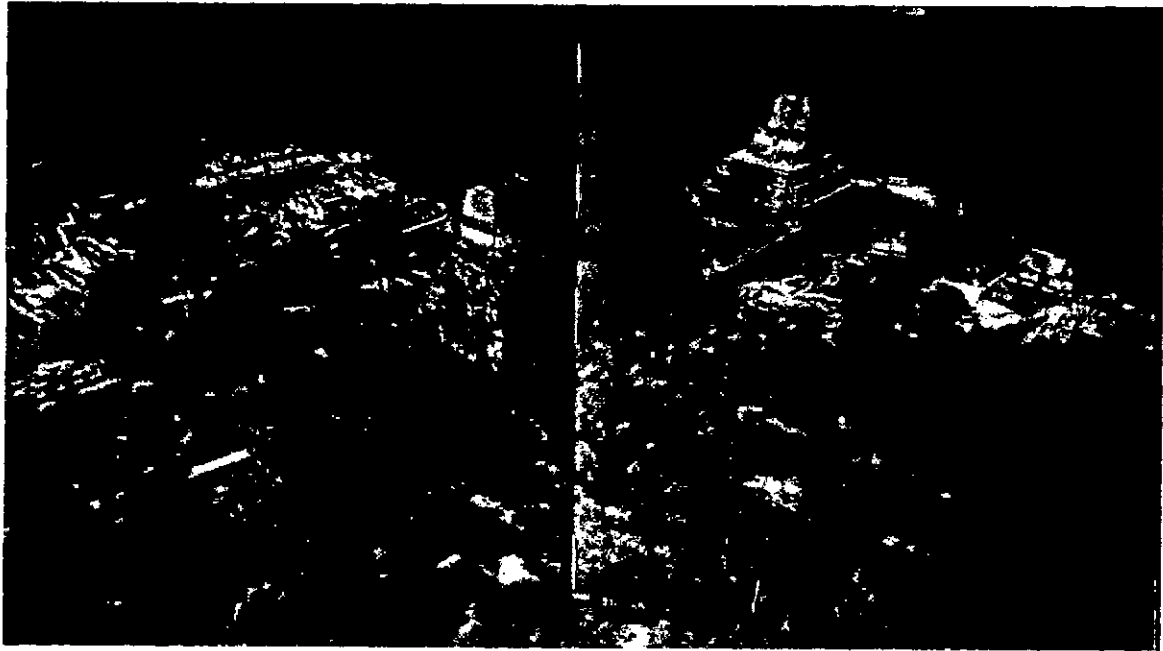
Entre os povos das sociedades arcaicas ou tradicionais, os mitos eram relatos de acontecimentos verdadeiros, portanto históricos, ocorridos no início dos tempos. Os mitos contavam sempre como algo fora criado, fosse o cosmos, a Terra ou o ser humano. O historiador das religiões Maurilio Adriani reforça o caráter histórico do mito quando diz que *"a mitologia traz sempre consigo, ora patente, ora latente, um núcleo de verdade, e de verdade histórica. Os mitos são sempre a roupagem poética de um evento ou de uma série de eventos reais, de coisas acontecidas, experimentadas, vividas."*³ E a filósofa Marilena Chauí também insiste em chamar a nossa atenção a respeito da narrativa mítica ou, de acordo com suas palavras, "história sagrada": *"...não é uma fabulação ilusória, uma fantasia sem consciência, mas a maneira pela qual uma sociedade narra para si mesma seu começo e o de toda realidade, inclusive o começo ou o nascimento dos próprios deuses."*⁴

As sociedades arcaicas faziam distinção entre mito e lenda, pois o mito era um relato sagrado, verdadeiro, que somente podia ser revelado em momentos adequados e apenas os homens podiam escutar; enquanto que a lenda era considerada uma história "falsa", podendo ser contada a todos, em qualquer ocasião.

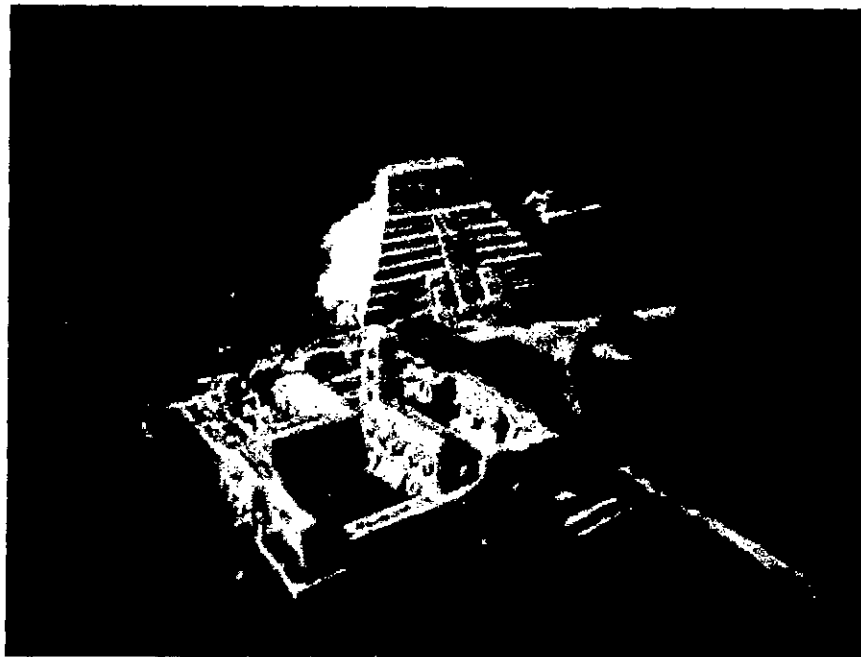
³ ADRIANI, Maurilio. *História das religiões*. p.12.

⁴ CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*, p.299.

ANEXO 8

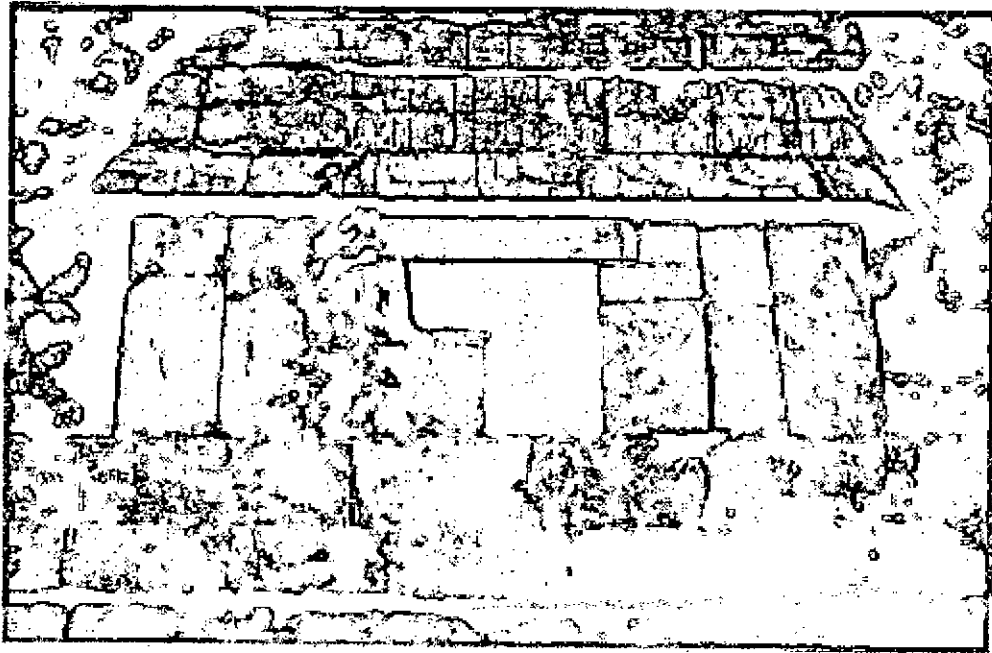


Vista aérea de Tikal, na seqüência da esquerda para a direita: Acrópole Central, Grande Praça e Acrópole Norte

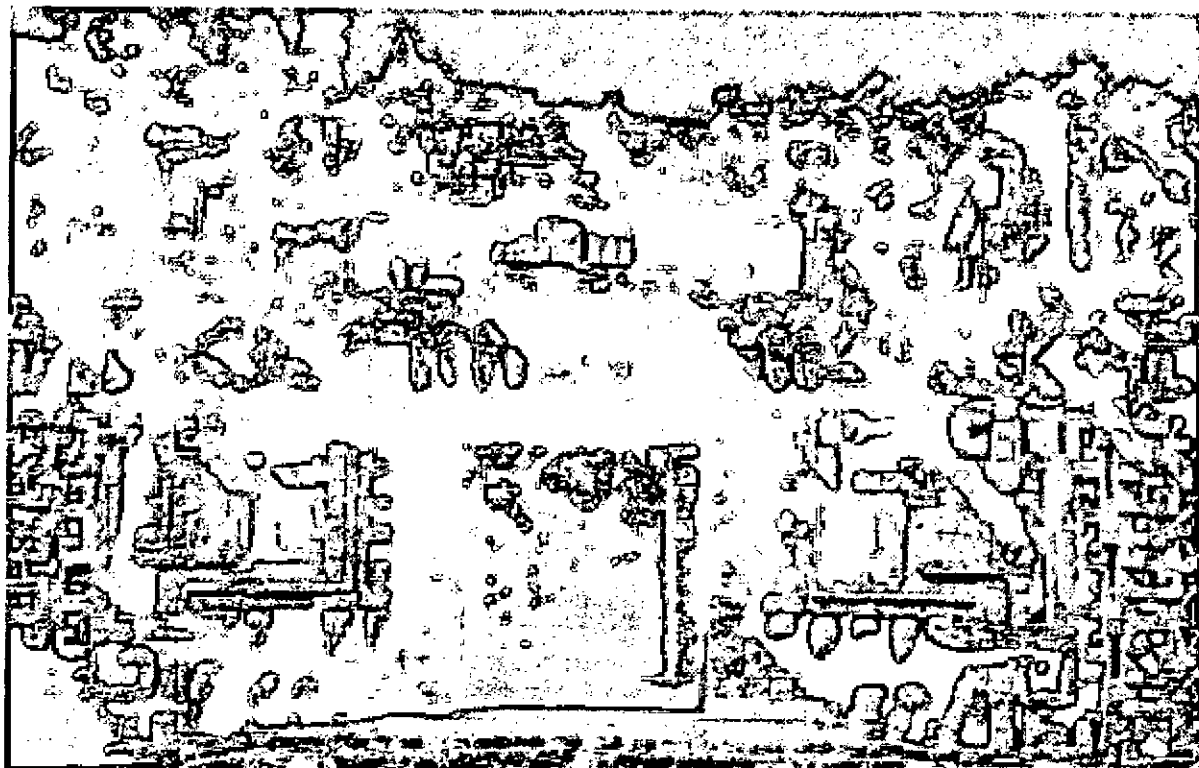


Vista aérea de Palenque

ANEXO 9



Representação da cabana primitiva nas construções em pedra dos maias



Representação de uma "montanha-monstro"

A lenda seria uma história “falsa” porque mesmo que tivesse uma base histórica, seu conteúdo era “deformado”, ou seja, alterado para que a lenda passasse um ensinamento moral (fábula) ou didático (parábola) às pessoas que estivessem presentes.⁵

Segundo Mircea Eliade, o conhecimento dos mitos era algo imprescindível para os povos arcaicos, porque equivalia ao conhecimento da origem das coisas. Na verdade,

*“o mito garante ao homem que aquilo que ele se prepara para fazer já foi feito, ajuda-o a dissipar as dívidas que poderia ter quanto ao resultado do seu cometimento (...), e ao contar como as coisas foram feitas, os mitos desvendam por quem e porquê elas o foram feitas, e em que circunstâncias.”*⁶

Dessa forma, aqueles que conheciam os mitos, os iniciados, tinham garantia absoluta no momento em que fosse necessário realizar algum feito importante, como por exemplo, navegar em canoas pelos mares e oceanos. Eles iam sem medo, pois sabiam que os deuses haviam conseguido fazer o percurso de ida e volta.

Quando um mito era recitado, aqueles que estavam ouvindo voltavam ao tempo inicial, ficavam mais perto dos deuses, bem como o tempo profano (tempo histórico) era abolido e o tempo sagrado era retomado. Em todas as festas e rituais, os acontecimentos míticos não eram apenas comemorados, eram revividos, repetidos tal qual **in illo tempore**.

De acordo com o que foi exposto, nota-se que os mitos eram tidos como modelos ou “arquetipos”⁷ a serem imitados pelos seres humanos, já que mostravam as posturas e os gestos mais corretos para determinadas situações. Portanto, os povos arcaicos só entendiam a realidade através do sagrado e das ações míticas. A permanente lembrança das **gesta** dos deuses criadores e a adoração aos mesmos, proporcionava uma harmonia entre os homens, a natureza e o cosmos. Joseph Campbell chega a comentar que a principal função da mitologia era entrar em “harmonia e sintonia” com o universo e que, através dela, os homens tivessem condições de obter essa mesma harmonia e intenso

⁵ Ver a distinção entre mito, lenda, fábula e parábola em: BRANDÃO, Junito. *Mitologia grega*, p.35.

⁶ ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*, p.120-123.

⁷ O termo arquetipo aqui usado, refere-se ao sentido dado por Santo Agostinho, ou seja, é um sinônimo para modelo/exemplo; não confundir com o sentido dado por Carl Jung.

vínculo entre eles e a natureza (que por analogia seria igual à relação da criança com a sua mãe, onde não havia uma posição privilegiada, pelo contrário, os dois se completavam).⁸

Ainda sobre a função do mito, o antropólogo Bronislav Malinowski faz a seguinte afirmativa: *“nas civilizações primitivas, o mito desempenha uma função indispensável: ele exprime, exalta e codifica a crença; salvaguarda e impõe os princípios morais; garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem.”*⁹

2.1 - As Sociedades arcaicas ou tradicionais

Após termos exposto como as sociedades tradicionais entendiam os mitos, bem como a diferença entre mito e lenda, vamos abordar agora o que se deve entender por “sociedade tradicional”.

Pelas leituras feitas em algumas obras de Mircea Eliade, podemos caracterizar sociedades arcaicas ou tradicionais como sendo grupamentos humanos que viviam sob uma estrutura hierarquizada, com práticas e costumes bem definidos, influenciados pela religião. Respeitamos o termo usado por Eliade, pois não entendemos que esses povos antigos possam ser chamados de “primitivos”, visto que essa é uma qualificação pejorativa, porque implica julgamento de valor.

Dessa forma, consideramos sociedades tradicionais os antigos povos do Oriente Próximo, da América do Norte e Central, da China, da África e da Índia. Atualmente podemos encontrar vestígios de sociedades arcaicas entre algumas tribos australianas e africanas, mas também entre habitantes de ilhas do Pacífico.

Para esse trabalho, isolamos duas sociedades tradicionais: Suméria e Maia. Essas duas sociedades eram eminentemente agrícolas, e se preocupavam com o controle das águas dos rios e a irrigação das terras cultivadas. Realizaram grandes obras de engenharia hidráulica, como barragens, diques e canais de irrigação, e construíram magníficos monumentos e habitações em pedra (palácios e templos). Porém, uma pergunta nos intriga: por que sumérios e maias teriam construído estruturas arquitetônicas similares, as pirâmides escalonadas, também chamadas “pirâmides-montanhas” ?

⁸ CAMPBELL, Joseph. *As transformações do mito através do tempo*, p.7.

⁹ MALINOWSKI, Bronislav. Apud BRANDÃO, Junito. *Op. cit.*, p.41.

2.2 - O Simbolismo do Centro do Mundo

Para compreendermos a importância das pirâmides escalonadas entre os povos tradicionais, primeiramente precisamos saber que eles tinham a idéia de que o espaço não era homogêneo, que em todo local havia um espaço diferenciado dos demais (o espaço sagrado). Marilena Chauí até afirma que *“a religião organiza o espaço e lhe dá qualidades culturais, diversas das simples qualidades naturais.”*¹⁰ Então, também torna-se necessário entender o espaço que esses povos designavam por “Centro do Mundo”.

A abóbada celeste era venerada pelos povos das sociedades tradicionais, dessa forma as construções terrestres eram espelho/reflexo do que estava no céu. Devido a isso, esses povos se valiam das **hierofanias** e de alguns sinais para estabelecer, dentro dos limites das suas cidades, locais sagrados chamados de “Centros do Mundo”. Esses “Centros” eram áreas onde havia uma maior possibilidade de comunicação entre homens e deuses, já que simbolizavam a interseção entre o Céu, a Terra e o Subterrâneo (ou Inferno).¹¹ Por isso, o caminho que levava ao centro era árduo e cheio de provações, pois representava *“...um ritual de passagem do âmbito profano para o sagrado, do efêmero e ilusório para a realidade e a eternidade, da morte para a vida, do homem para a divindade. Chegar no centro equivale a uma consagração, uma iniciação...”*¹²

De acordo com Eliade, para o homem das sociedades tradicionais, *“a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um ‘ponto fixo’, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica...”*¹³ Entre o espaço sagrado e o profano havia um limiar, uma porta, permitindo a troca de comunicação entre esse dois mundos. Essa porta podia ser simbolizada através de imagens que representassem o **axis mundi**, como por exemplo: o pilar, a árvore, a escada e a montanha.

O simbolismo do Centro do Mundo é bastante antigo. Ele foi detectado entre as primeiras culturas humanas e tem uma relação com o “simbolismo do Pilar do Mundo”¹⁴ - que teve continuidade em culturas mais desenvolvidas, entre elas: Egito, Mesopotâmia,

¹⁰ CHAUI, Marilena. Op. cit., p.298.

¹¹ Ver ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos* - ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.

¹² ELIADE, Mircea. *Mito do eterno retorno* - Cosmo e História. p.27.

¹³ Id. *O sagrado e o profano* - a essência das religiões. p.27.

¹⁴ Muitos povos admitiam que a Estrela Polar sustentava o Céu, desempenhando o papel de um pilar.

China, Grécia e Índia. *“Entre os babilônios, por exemplo, a ligação entre o Céu e a Terra - simbolizada por uma Montanha Cósmica ou suas réplicas, como zigurates, templos, cidades régias ou palácios - às vezes era concebida como uma Coluna Celeste.”*¹⁵

2.3 - Importância dos símbolos ascensionais

Tomamos como base, para iniciar a questão dos símbolos ascensionais, o comentário do filósofo Ernst Cassirer sobre a necessidade que o homem arcaico tinha de observar e entender o céu.

*“Se o homem começou a dirigir os olhos para os céus, não foi para satisfazer uma curiosidade meramente intelectual. O que ele realmente procurava no firmamento era o seu próprio reflexo e a ordem de seu universo humano. Sentia que seu mundo estava preso por muitos laços visíveis e invisíveis à ordem geral do universo - e tentou penetrar nessa conexão misteriosa.”*¹⁶

O homem arcaico entendia que uma das mais importantes formas de comunicação dos deuses com ele era feita através do céu, ou melhor, do posicionamento das estrelas e astros no firmamento. Logo, ele era obrigado a interpretar a “escrita celeste”, que eram presságios, para saber quando os deuses estavam “contentes” ou quando eles estavam “zangados”. Ainda citando o pensamento de Cassirer: *“para organizar a vida política, social e moral do homem acabou sendo necessário voltar-se para os céus. Nenhum fenômeno humano parecia explicar a si mesmo: tinha que ser explicado com referência a um fenômeno celestial correspondente do qual dependia.”*¹⁷

O Professor Franz J. Hochleitner até registra em seu livro “Chuen - o novo calendário maia”, que realmente havia uma forte ligação entre os fenômenos celestes e os físicos, pois foi comprovado cientificamente que *“...há um aumento de 23% na possibi-*

¹⁵ ELIADE, Mircea. *O xamanismo: e as técnicas arcaicas do êxtase*. p.292.

¹⁶ CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. p.83.

¹⁷ *Ibid.*, p.84.